

Relatório anual do NiZA 2004

Instituto holandês para a África Austral

Editor: Berendien Bos
Data: Junho de 2005



Instituto Holandês para a África Austral

Índice

1	Declaração de missão do NiZA	1
2	Prefácio	2
3	O NiZA em resumo	4
4	Programas	5
4.1	Introdução.....	5
4.2	Programa de Direitos Humanos e Construção de Paz	5
4.3	Programa de Empoderamento Económico	9
4.4	Programa de Media e Liberdade de expressão	13
4.5	Moçambique e Angola	16
5	Qual é o resultado destes esforços?.....	19
6	Comunicações, informação pública e lobbying	20
6.1	Comunicação e informação pública.....	20
6.2	Biblioteca e Centro de Documentação.....	23
6.3	O Clima político em Haia e na Europa	24
7	Votação na África Austral	26
8	Organização, pessoal e política.....	28
9	Parcerias.....	30
9.1	Introdução.....	30
9.2	SANPAD	30
9.3	Zimbabwe Watch	31
10	Relatório financeiro.....	34
10.1	Situação financeira.....	34
10.2	Receitas: Notas explicativas	34
10.3	Gastos: notas explicativas	36
10.4	Capital disponível	36
11	Anexo – Relações externas.....	38
12	Anexo - Publicações.....	40
13	Anexo - Pessoal.....	42
14	Anexo - Abreviaturas	45
15	Anexo – Ficha técnica	46

1 Declaração de missão do NiZA

O Instituto holandês para a África Austral é uma organização politicamente independente comprometida com a solidariedade com as pessoas ‘comuns’ na África Austral. O NiZA ajuda-as a combater estruturalmente a pobreza, injustiça e desigualdade. Para atingir este objectivo o NiZA colabora em primeiro lugar com organizações na África Austral que promovem a liberdade de expressão, liberdade de imprensa, direitos humanos, construção de paz e justiça económica. Conjuntamente com ou em nome destas organizações o NiZA trabalha para fortalecer a sua capacidade e influenciar o processo de formulação de políticas tanto no Sul como no Norte.

Além disso o NiZA promove o envolvimento do povo holandês na África Austral através da recolha e disseminação de documentação e informação, e informando a imprensa e o público sobre assuntos concernentes à região.

O NiZA, que foi formado em 1997 como uma fusão do Instituto para a África Austral (anteriormente Movimento holandês Antiapartheid), o Comité holandês para a África Austral e a Fundação Eduardo Mondlane, tem um historial de mais de 40 anos de apoio a movimentos de libertação e vários outros grupos na África Austral.

O Instituto holandês para a África Austral continua a enfatizar que é mais uma organização de solidariedade do que um doador tradicional. O NiZA tem desfrutado do apoio de vastos segmentos da população holandesa: muitos patrocinadores privados apoiaram e continuam a apoiar o seu trabalho.

Estes dois elementos, a extensiva **rede de parceiros** na África Austral e o **amplo apoio** de que a organização goza na Holanda, permanecem o fulcro da existência do NiZA.

Em princípio o NiZA focaliza nos doze estados membros da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral: Angola, Botswana, República Democrática do Congo (RDC), Lesoto, Malawi, Moçambique, Namíbia, África do Sul, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe.

O NiZA's *Sustainability Report 2004* [relatório de sustentabilidade do NiZA para 2004] está disponível somente em inglês e holandês. Encontra-se em www.niza.nl/annualreport e pode ser solicitado grátis por telefone +31 20 5206210 ou e-mail niza@niza.nl.

2 Prefácio

A Democracia é apenas uma palavra. Ela não ganha significado até ser colocada em prática na vida do dia a dia. Ela é colocada em prática de forma diferente em todo o mundo, incluindo a Holanda e África (Austral). Jamais houve uma interpretação singular do significado da democracia em todos os países. Uma democracia nunca está acabada; ela requer uma constante reavaliação e incorporação de novos elementos nos princípios democráticos.

Durante décadas, a Holanda gabou-se de que a força da sua democracia era inquebrantável. De que estávamos abertos a crítica. De facto, foi mesmo dito que tal crítica era necessária para assegurar a qualidade da “nossa” democracia – e que os nossos líderes do governo concordavam.

Nos últimos anos, o nosso país mudou significativamente. A força indiscutível da nossa democracia não parece mais tão certa. Pela primeira vez desde a segunda Guerra Mundial, a Holanda questiona-se se não estaríamos, de modo democrático, a dar livre curso a algumas tendências antidemocráticas. O Executivo e o Parlamento são apanhados nas loucas flutuações da sociedade contemporânea. A dúvida e a incerteza traduzem-se em intolerância e numa luta verbal. A crítica às políticas ásperas já não é considerada apropriada. A Holanda de hoje prova que uma democracia deve ser sempre defendida.

Isto também é certamente verdade quanto à África Austral, com as suas frágeis e novas democracias. Ainda acontece muitas vezes que se fala apenas de democracia naquele único momento, cada quatro ou cinco anos, quando as pessoas têm permissão de eleger um parlamento ou um presidente. O processo de democratização parece estar encalhado de várias formas. As eleições são usadas cada vez mais para garantir uma certa legitimidade àquelas pessoas que já estão no poder e são de forma crescente manipuladas pela fraude, intimidação e violência. Vimos problemas desta natureza no Malawi no ano passado, e o Zimbabwe tem sido um exemplo de dificuldades eleitorais por muitos anos. Naqueles contextos, a existência de media independentes, uma sociedade civil crítica e uma comunidade internacional crítica são a última coisa desejada pelos poderes estabelecidos.

Em países como o Zimbabwe e a Tanzânia, estão a ser desenvolvidas leis para obrigar ao registo de organizações da sociedade civil. O Governo em Angola tem igualmente tentado ganhar maior controlo de organizações não-governamentais por vários meios. A televisão e a rádio estão frequentemente nas mãos dos actuais governos ou de organizações que apenas propagam os pontos de vista do governo. A situação é ligeiramente melhor na imprensa escrita, à excepção do Zimbabwe, mas a imprensa escrita não atinge tanta gente. A crescente intolerância quanto a opiniões discordantes pode até ser observada em países como Moçambique e África do Sul. As administrações na África Austral estão a tornar-se cada vez mais parecidas com a de Mugabe, criando assim um potencial para conflitos violentos. Se eles não forem prevenidos, se calhar nas décadas vindouras estaremos a trabalhar na sua resolução.

É por isso que o NiZA se comprometeu a promover o processo de democratização na África Austral. O NiZA trabalha para fortalecer organizações que defendem a liberdade de expressão, o acesso à justiça, os direitos humanos e a participação em processos importantes, tais como a Nova Parceria Para o Desenvolvimento da África (NePAD). O NiZA promove igualmente a construção de paz e monitora o comércio de matérias-primas e tudo o que prolonga guerras. Nós fazemos estas coisas em solidariedade com as pessoas nas organizações da África Austral, também trabalhando em seu nome na Holanda e na Europa para atingirmos as mudanças que são tão cruciais para os povos da África Austral. O presente relatório anual explica como.

Peter Hermes
Director Executivo

3 O NiZA em resumo

O NiZA defende a Democratização na África Austral. O NiZA considera que o processo de democratização é absolutamente necessário para a população da África Austral para que esta atinja uma divisão justa do poder, recursos e oportunidades.

Por esta razão o NiZA junta-se a organizações e pessoas do Sul comprometidas com a alma e o coração à mesma causa, e trabalha para influenciar o público e os políticos do Norte por meio de informação pública e lobbying.

Três temas-chaves neste contexto que andam de mãos dadas com a democratização são:

- Direitos humanos e construção de paz: a base da democracia é garantir os direitos humanos na lei e na prática. A paz e a estabilidade são condições essenciais para atingir esta meta.
- Media e Liberdade de Expressão: os media independentes e profissionais monitoram as elites políticas e profissionais e oferecem aos cidadãos acesso à informação que eles necessitam para formarem uma opinião e participarem no processo democrático.
- Empoderamento económico: numa democracia as pessoas têm algo a dizer sobre a sua própria economia e sobre os recursos naturais como diamantes, madeira e petróleo. Isto é necessário para atingir um desenvolvimento justo e sustentável.

Parcerias

As organizações parceiras na África Austral constituem a base do trabalho do NiZA. O Norte tem liderado por tempo excessivo a cooperação para o desenvolvimento. O NiZA acredita que não podemos atingir uma mudança sustentável verdadeira até que o Sul tome controle do seu próprio destino. Por esta razão o NiZA não apenas dá às suas organizações parceiras a oportunidade de afirmarem as suas próprias preferências mas também envolve-as activamente no desenvolvimento das políticas de programação do NiZA. Finalmente, o NiZA acredita que a tarefa de monitoria e avaliação do progresso e da efectividade das actividades dos parceiros deve ser assumida cada vez mais pelos parceiros e por peritos independentes, de preferência do Sul. (Veja também o capítulo “Qual é o resultado destes esforços?”).

Os Números para 2004¹

- As 108 organizações parceiras dos três programas principais do NiZA gastaram conjuntamente perto de € 4 milhões em projectos na África Austral;
- Mais de € 600.000 foram gastos em outros projectos como o Zimbabwe Watch e SANPAD;
- Em 31 de Dezembro de 2004, o escritório em Amsterdão empregava 58 pessoas (48 em tempo integral);
- O NiZA recebeu mais de € 430.000 em ofertas e donativos e é apoiado por 25.000 doadores.

¹ Veja igualmente o Capítulo 10 para o relatório financeiro.

4 Programas

4.1 Introdução

O NiZA apoia organizações na África Austral que trabalham para uma sociedade mais democrática. Em 2004 o NiZA foi capaz de gastar mais do que em nenhuma altura anterior para atingir esta meta: € 4,5 milhões, distribuídos por cerca de uma centena de organizações parceiras em três grandes programas (Media, Direitos Humanos e Empoderamento Económico) e outros projectos na África Austral. Foram assegurados subsídios para estes três programas para os anos vindouros.

O NiZA construiu uma estreita rede de parceiros nos últimos anos. Cada vez mais a ênfase do NiZA tem mudado para as *redes*. Isto coloca-nos numa posição proeminente no mundo da cooperação para o desenvolvimento, desta forma contribuindo para que o NiZA possa melhorar as ligações entre as actividades na Europa e as actividades de organizações parceiras na África Austral. Ao mesmo tempo, esta base inspira os doadores a terem confiança em nós, permitindo que nós invistamos mais nos nossos parceiros.

Mais do que eleições

Um bom exemplo desta rede entre o Norte e o Sul é a iniciativa PEPSA (Precondições para programas eleitorais na África Austral).

A PEPSA é uma aliança estratégica entre três organizações do Norte (NiZA, Hivos e OSISA) e duas organizações do Sul (MISA e EISA). Este grande projecto focaliza nos “ingredientes” para uma sociedade democrática. Embora a maioria da região tem paz e eleições desde há pouco tempo, a democracia vai para além destes componentes básicos. As pessoas na África Austral não conhecem os seus direitos suficientemente e não estão envolvidas na governação, e muito dificilmente têm acesso a qualquer informação para que possam formar a sua opinião, em parte devido a constrangimentos de ordem económica. O simples sobreviver tem precedência, eclipsando a importância da actividade política para a melhoria das suas vidas.

A PEPSA foi lançada em 2004 e vai mostrar o seu rosto nas publicações de 2005 em publicações e seminários, mas antes de mais em actividades concretas nos cinco países onde a PEPSA opera: Angola, República Democrática do Congo, Moçambique, Suazilândia e Zimbabwe.

4.2 Programa de Direitos Humanos e Construção de Paz²

Muitas organizações de direitos humanos na África Austral enfrentaram no ano de 2004 legislação e medidas que tornaram mais difícil o seu trabalho. No Zimbabwe foi preparada legislação que proíbe organizações da sociedade civil de receber financiamento estrangeiro, e as organizações receberam visitas regulares da polícia de segurança e de grupos parlamentares. Na Zâmbia as organizações que criticavam a preparação para as eleições encontraram restrições crescentes nas suas actividades. Finalmente, as organizações de direitos humanos em Angola estão a crescer cada vez mais fortes e colidem cada vez mais com as autoridades.

² www.niza.nl/humanrights

Estão planificadas eleições importantes nestes três países em 2004-2006. É precisamente em alturas como estas que os direitos humanos estão muitas vezes sob pressão. Pessoas que denunciam violações dos direitos humanos são, portanto, um alvo lógico para as autoridades.

A região inteira está oficialmente em paz, mas a situação política não é estável em todo o lado. Há uns conflitos latentes sobre matérias-primas e outras fontes de renda, tais como a terra, e alguns já a emergir abertamente. Mesmo em Moçambique, que já está em paz há dez anos agora, os traumas da guerra civil cruel não estão ultrapassados nem esquecidos e as necessidades sociais da reconstrução necessitam de maior atenção.

Lançado o Programa de Direitos Humanos

O Programa de Direitos Humanos do NiZA focaliza em termos gerais a informação pública e a consciencialização de direitos humanos entre grupos desfavorecidos, a ajuda legal e a construção concreta da paz nas cidades, vilas e bairros.

Nos próximos quatro anos o NiZA vai colaborar com 24 organizações em Angola, Malawi, Moçambique, Zâmbia, Zimbabwe e África do Sul. Pelos próximos anos estão disponíveis 4,1 milhões de euros para fortalecer individual e colectivamente estas organizações. O NiZA financiou já aproximadamente cem projectos este ano, importando em aproximadamente € 900.000.

As organizações parceiras trabalham juntas em quatro grupos nas áreas de:

- Construção de Paz
- Educação em Direitos Humanos
- Direitos Femininos
- Ajuda Legal

Acção Conjunta

O Apoio financeiro do NiZA focaliza o reforço quer das organizações individuais ou dos grupos como um todo. Por exemplo, os parceiros podem participar de sessões de formação conjuntas, ou actuar conjuntamente ou em nome uns dos outros durante negociações ou campanhas. O conceito no qual assenta esta “capacitação como um grupo” é de que as acções conjuntas têm mais influência nas mudanças sociais do que as acções individuais.

Dentro dos quatro grupos, as organizações formularam as suas próprias metas e planos para os próximos quatro anos. Consequentemente, elas estão bastante envolvidas no programa e têm muito a dizer a este respeito. Outra vantagem importante prende-se ao facto de que organizações que trabalham isoladamente nos seus próprios países mais facilmente contactam colegas de países vizinhos através do grupo. Por exemplo, as organizações de direitos humanos emergentes angolanas podem aprender bastante de organizações congéneres na África do Sul e Moçambique, que já estão em campo há mais tempo (veja o parágrafo “Trabalho em Direitos Humanos em Angola”).

Trabalho em Direitos Humanos em Angola

Em Angola está a desenrolar-se um conflito de poder entre o governo e organizações da sociedade civil. Agora que a paz foi finalmente alcançada depois de trinta anos de guerra civil, as organizações angolanas estão a solicitar que o seu governo mostre mais respeito pelos direitos dos cidadãos. Isto levou repetidamente a actos de violência aberta ou intimidação mais subtil por parte das autoridades.

O parceiro do NiZA Mãos Livres é uma das primeiras organizações oficiais de direitos humanos do país. Ela continua o trabalho começado por bravos indivíduos no passado, mas anteriormente não era possível levar a cabo o trabalho de direitos humanos num contexto organizado. Com o apoio do NiZA, a associação Mãos Livres foi treinada em 2004 no registo e relato sistemático de violações dos direitos humanos, um acto único em toda Angola!

Mãos Livres presta igualmente assistência legal e informação a pessoas que não conseguem pagar um advogado. Estes serviços são muitíssimo necessários, porquanto o cidadão comum angolano muito dificilmente tem ideia daquilo que os seus direitos são. Com a ajuda do NiZA, Mãos Livres estabeleceu um plano nacional com medidas apropriadas para assegurar que os cidadãos tenham uma ideia melhor dos seus direitos e de como eles podem reclamá-los. Eles discutiram este plano com os servidores públicos a todos os níveis da hierarquia, desde oficiais de cúpula no Ministério da Justiça até aos advogados.

Os outros parceiros do NiZA na área de assistência legal conduziram estudos similares nos seus próprios países. Em seguida, as diferentes organizações encontraram-se em reuniões regionais para discutir os diferentes planos de acção para o “acesso à justiça”. Em todos os países o trabalho dos paralegais (trabalhadores não oficiais no campo da assistência legal com conhecimentos básicos de direito, tal como a Mãos Livres) provou ser de valor inestimável. Por isso é que decidiram trabalhar em conjunto para elaborar um manual de trabalho para estes trabalhadores e estabelecer uma base de dados para as suas experiências.

A reunião regional foi uma grande inspiração para Mãos Livres: pela primeira vez a organização teve a oportunidade de partilhar as histórias do seu trabalho com os seus homólogos mais experimentados de países vizinhos.

Construção de paz “de baixo a cima”

A maioria dos países na África Austral teve muitos conflitos e guerras no seu passado recente, acompanhadas pelas inevitáveis violações aos direitos humanos. Mesmo que a inteira região esteja oficialmente em paz, uma sociedade não faz a transição da guerra para a paz automaticamente. Neste contexto, as interacções ao mais baixo nível, o nível das aldeias e das cidades e dentro das famílias, são pelo menos tão importantes quanto o acordo de paz oficial assinado pelos políticos. Além do mais, a forma como os veteranos de guerra são reintegrados na sociedade é crucial: eles podem fazer ou desfazer a paz.

Quatro organizações parceiras em Moçambique, Angola, África do Sul e Zimbabwe trabalham para facilitar a reconstrução social de distritos e bairros e mediar conflitos. Elas também tentam envolver os administradores mais importantes onde identificam potenciais focos de conflito. Os empregados ou voluntários são em maioria antigos

soldados. O seu historial ajuda-os a transmitir uma mensagem forte: a guerra pode ser verdadeiramente deixada para traz.

Em 2004 as organizações participaram num curso intensivo conjunto sobre a construção de paz e o papel dos antigos soldados. Elas depois transmitiram os conhecimentos adquiridos dentro das suas organizações através de cursos internos.

Conheça os seus direitos

Os direitos humanos parecem muitas vezes ser conceitos abstractos. Para muitas pessoas na África Austral, eles estão bastante afastados da realidade do dia a dia – especialmente para os refugiados, trabalhadores do campo, ou mulheres analfabetas nas comunidades rurais.

O NiZA colabora com seis organizações cujo desejo é informar precisamente estes grupos inacessíveis sobre os seus direitos, tais como o direito de votar ou de possuir propriedade. Contudo, muito pouco material educacional está disponível sobre estes tópicos. Para preencher estas necessidades, as organizações desenvolveram o seu próprio manual de informação sobre direitos humanos, concebido especialmente para mulheres nas áreas rurais. O livro foi financiado pelo NiZA e é baseado nas experiências reais de seis organizações na prática. Ele também é muito apropriado para ser usado por outras organizações na região.

Os direitos da mulher na agenda

Muitas das mulheres na África Austral estão ainda amarradas à posição de desvantagem cultural, social e económica, estando completamente alheias dos direitos que lhes cabem ou não tendo formas de compeli-rem os outros a lhes darem o que é devido. O NiZA apoia seis organizações que se esforçam precisamente por estas gentes. Dentre outras coisas, elas se concentram na participação mais activa da mulher na política e na sociedade, e também na legislação nacional: os direitos da mulher nem sempre estão plasmados oficialmente na constituição.

Em 2004 as seis organizações decidiram juntar-se para fazerem da posição da mulher africana na agenda mundial a sua grande causa. Na preparação para a conferência que se seguiu à Cimeira da Mulher das Nações Unidas em Beijing, o seu lobby na África Austral focalizou na violência contra a mulher, participação política feminina, desvantagens sociais e económicas experimentadas pelas mulheres, e o grande problema de que o papel subordinado das mulheres coloca-as em risco maior de contraírem infecções de HIV que os homens.

Reclamar os seus direitos legais

A ajuda legal oficial é completamente inacessível para muitas pessoas na África Austral. Os advogados são demasiado caros e muito poucos trabalham nas áreas rurais. Várias organizações de ajuda legal tentam ir de encontro a esta necessidade, por exemplo por meio de paralegais. Estas pessoas têm conhecimentos jurídicos básicos e oferecem assistência para problemas jurídicos nas suas próprias aldeias ou bairros, geralmente como voluntários. Eles medeiam conflitos sobre trabalho, propriedade ou casamentos. Eles também podem ajudar as pessoas a solicitarem assistência social ou subsídios.

Na África Austral os paralegais são intermediários essenciais entre o legislador e o cidadão comum, e ajudam as pessoas a reclamar os seus direitos. Contudo, eles têm pouco ou quase nenhum estatuto oficial, o que cria problemas no seu trabalho. Por esta razão as oito organizações de ajuda legal com as quais o NiZA colabora decidiram em 2004 trabalhar em conjunto para ganharem reconhecimento e crédito para os paralegais na África Austral. Elas esperam que a união fará a força na hora em que enfrentarem os seus próprios governos. Esta não é uma tarefa fácil, por isso iniciaram um estudo regional em 2004 sobre a posição e as possibilidades destes provedores de ajuda legal (veja parágrafo sobre “Trabalho de direitos humanos em Angola”).

Solidariedade com o Zimbabwe

O Malawi realizou eleições nacionais em Maio. Empregados do parceiro do NiZA CHRR (Centro Para os Direitos Humanos e Reabilitação) agiram como observadores independentes para controlar o curso das eleições. Eles foram ajudados nos seus esforços por outro parceiro do NiZA, a organização de direitos humanos do Zimbabwe NCA (National Constitutional Assembly).

Por seu turno, o CHRR começou um movimento regional de solidariedade para os seus colegas do Zimbabwe que se encontram em perigo. Em antecipação às eleições de 2005 no Zimbabwe, os activistas de direitos humanos estão a ser sistematicamente bloqueados, ameaçados ou maltratados. Em países vizinhos, toda a sorte de grupos da sociedade civil apelaram aos seus governos para não apoiarem o regime repressivo do Presidente Mugabe no Zimbabwe.

Para facilitar tais apelos, o NiZA pôs o CHRR em contacto com organizações similares na África do Sul. Além disso, veteranos de guerra do Zimbabwe visitaram grupos da sociedade civil na Namíbia, Moçambique e África do Sul. Eles tornaram claro aos seus anfitriões que a política de Mugabe não está de maneira alguma relacionada aos ideais de liberdade pelos quais lutaram em conjunto há vinte e cinco anos. Eles vão igualmente colaborar com outros parceiros do NiZA para investigarem o que as organizações da sociedade civil podem fazer contra governos como o do Zimbabwe, que restringe progressivamente e por decreto as oportunidades para as críticas da sociedade.

4.3 Programa de Empoderamento Económico³

A África Austral é rica em matérias-primas como o petróleo, os diamantes, o ouro e o cobre. Entretanto, a parte maior dos rendimentos destas riquezas naturais acaba nas mãos de uma pequena elite política e económica, do exército e de companhias estrangeiras. Não há quase nenhum regulamento democrático da exploração e da operação das actividades mineiras, e a maioria da população não vê quase nada dos lucros das "suas" matérias-primas. Para conseguir um desenvolvimento económico justo e sustentável na África Austral é necessária uma democracia estável, apoiada pela participação forte dos cidadãos. Isso não acontece automaticamente na maioria das novas democracias na região. Mesmo o plano de desenvolvimento mais recentemente iniciado pelos próprios líderes de África, NePAD, está ainda muito distante do alcance dos povos.

³ www.niza.nl/economy

No ano passado NiZA trabalhou duramente para estabelecer dois programas: um sobre a responsabilidade social corporativa na indústria das matérias-primas e outro sobre o NePAD. Ambos os programas apoiam organizações que trabalham para conseguir a mudança económica e para envolver cidadãos nas decisões tomadas por políticos e outros fazedores de políticas.

Quem se beneficia na indústria de matérias-primas?

Em quase toda a África Austral, as matérias-primas são a fonte mais importante do rendimento, mas ao mesmo tempo limitam o curso do progresso económico. Por exemplo, o conflito sobre diamantes que surgiu em Angola e na RDC produzem uma instabilidade política contínua. Consequentemente, as empresas internacionais raramente fazem investimentos na região, à excepção da comunidade de negócios da África do Sul. Mesmo agora que as guerras em Angola e na RDC terminaram formalmente, os conflitos continuam ainda latentes.

O NiZA é a favor de uma África Austral com um desenvolvimento justo e sustentável. As receitas da exploração de matérias-primas devem beneficiar as pessoas sem arruinar o ambiente. O comportamento das empresas e os planos para o desenvolvimento económico devem ser regulados democraticamente, e não arrançados nos correntes frente-a-frentes entre os políticos e os negociantes. A África tem um número crescente de organizações que anseiam começar o diálogo com as companhias nacionais e internacionais e protestam contra a exploração de matérias-primas que não beneficiam a população.

É por isso que o NiZA tomou deliberadamente a decisão de apoiar estes tipos de organização nos anos vindouros, em particular na África Austral. Apoiadas pelo NiZA, elas vão investigar no local a conduta de companhias mineiras, informar a população local e começar o diálogo com as companhias. Onde a situação o exigir, elas vão condenar a má conduta, tanto localmente como no debate internacional. Isto visa fortalecer a contribuição africana na arena global.

A semana da responsabilidade social corporativa

A responsabilidade social corporativa atraiu recentemente um grande interesse público. A Holanda já organizou até uma Conferência da EU sobre o tópico em Novembro, durante a sua presidência da EU. Antes da conferência, o NiZA e outras organizações realizaram a Semana Mundial da Responsabilidade Social Corporativa, realçando a conduta de firmas estrangeiras nos países em desenvolvimento.

No contexto da semana temática, um grupo de peritos da África, América Latina e Ásia foi convidado a explicar a situação nos seus países de origem. Eles conversaram com a ministra holandesa da cooperação para o desenvolvimento, Van Ardenne, sobre o facto de que os países europeus seguem frequentemente diferentes linhas de orientação nos países em desenvolvimento, e como este problema pode ser mudado. As conversações abrangiram igualmente a questão de como as empresas podem jogar um papel positivo no desenvolvimento dos países pobres. Durante a conferência da EU, o NiZA realizou um workshop sobre a forma como as companhias podem contribuir para a paz em regiões ameaçadas pelo conflito.

Quem decide o quê no NePAD?

Um importante desenvolvimento no crescimento económico de África é o NePAD (Nova Parceria Para o Desenvolvimento da África). O NePAD é um novo plano para o desenvolvimento económico e cooperação mútua concebido por líderes africanos. O NePAD ganhou claramente estatura na África Austral no ano passado. A participação limitada pelo povo é uma das críticas mais sérias. O NiZA partilha desta preocupação e portanto é uma das poucas partes a apoiar organizações da África Austral que querem mudar este aspecto particular. O NePAD deve estar mais próximo do povo e melhorar a sua representação dos interesses dos segmentos mais pobres da África.

O NePAD e a União Europeia

Em 2004 a Holanda presidiu a UE por seis meses. Quatro organizações holandesas, incluindo o NiZA, aproveitaram esta oportunidade para enfatizar a importância de uma política clara para a ajuda ao desenvolvimento. Durante a campanha “Holanda na Europa, Europa no Mundo”, foram organizadas oito reuniões sobre temas como direitos humanos, o desenvolvimento de África e o empreendimento socialmente responsável. Em Maio o NiZA convocou uma conferência sobre as relações com a UE como o parceiro comercial mais importante para África e para o NePAD. O NePAD é um plano africano para melhorias na governação e democratização. Por se tratar de um plano relativamente novo, era crucial disseminar a informação e trocar conhecimentos. O que é exactamente o NePAD? E em que consiste exactamente o African Peer Review Mechanism (Mecanismo africano de Avaliação por Pares), no qual cada um dos líderes africanos examina atentamente as políticas dos outros e os acordos que eles fizeram? Os intervenientes convidados, entre os quais representantes do secretariado do NePAD, enfatizaram a importância da contribuição de cidadãos de África no NePAD. Finalmente, durante a conferência aspirantes a deputados europeus participaram do debate sobre a política agrícola europeia e os obstáculos ao comércio para países africanos.

Dois novos programas lançados

O Programa de Empoderamento Económico em 2004 foi caracterizado pelo lançamento de dois programas, envolvendo o NePAD e a responsabilidade social corporativa. As políticas, objectivos e actividades mereceram discussão exaustiva com as várias organizações. Consequentemente, ambos os programas estão firmemente incorporados tanto na estrutura do NiZA como na das organizações envolvidas. O NiZA vai colaborar nos próximos anos com quarenta organizações em Angola, Botswana, RDC, Moçambique, Zâmbia e África do Sul. Está disponível um orçamento anual de aproximadamente um milhão de euros. O primeiro ano vai focar primeiramente na troca de conhecimentos, nas redes e na consolidação das organizações participantes.

Além de construir uma rede na África Austral, o NiZA colabora igualmente com toda a sorte de organizações na Holanda. Por exemplo, o NiZA é membro da plataforma holandesa para a responsabilidade social corporativa. (Veja também parágrafo sobre “A Semana da Responsabilidade Social Corporativa”.) O NiZA está igualmente a participar na campanha “Publique o que paga”, que tem por objectivo assegurar que as companhias mineiras sejam obrigadas a divulgar quanto dinheiro pagam (e a quem) para se estabelecer num país africano.

Campanha Fatal Transactions

A África é rica. Pode estar a indagar-se se leu correctamente - sim, a África é rica em matérias primas valiosas tais como petróleo, diamantes, cobre e ouro. Todavia, o africano comum não vê a maior parte dos proventos. Os senhores da guerra ainda lutam em torno de matérias primas e as companhias estrangeiras embolsam as maiores percentagens dos lucros. As condições de trabalho e os regulamentos ambientais são flagrantemente violados. Um certo número de governos africanos faz pouco para prevenir. De facto, muitos políticos aproveitam-se da situação eles próprios.

A campanha **Fatal Transactions** (Transacções Fatais) opera a escala mundial para restringir o uso de matérias primas para financiar guerras. A campanha quer evitar que as pessoas se tornem vítimas das suas próprias riquezas naturais. Na verdade todos os habitantes devem tirar proveito das matérias primas nos seus próprios países.

O NiZA coordena a campanha internacional e holandesa para Fatal Transactions. Em 2004 prestou-se muita atenção ao papel jogado pelos diamantes nas guerras civis em Angola, RDC e Serra Leoa. As partes em guerra foram capazes de financiar as suas guerras com recurso a este comércio lucrativo por anos a fio, mesmo depois de um cessar-fogo oficial. Em 2003 introduziu-se um sistema de verificação para afastar os “diamantes de sangue” do comércio internacional. Um ano depois do seu lançamento oficial o NiZA investigou se estes controlos internacionais funcionam em termos práticos. Os países implementadores em África mostraram ter fundos insuficientes para introduzir o complexo sistema de controlo. Embora os governos europeus façam o seu melhor para manter as novas regras, o sistema está ainda bastante longe da perfeição.

O NiZA investigou igualmente o grau em que os joalheiros sabem da proveniência dos diamantes das suas lojas. As entrevistas mostraram que eles geralmente só conhecem o seu fornecedor em Antuérpia ou Índia e não fazem a menor ideia da proveniência das pedras. Ambos os relatórios atraíram muita atenção dos Media e provocaram questões no Parlamento.

As directivas internacionais são apenas para mostrar

Em 2003 Fatal Transactions apresentou queixa à Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) em conjunto com organizações holandesas e congoleesas contra a companhia holandesa Chemie Pharmacie Holland (CPH). Alegava-se que a companhia tinha violado as linhas orientadoras da OCDE para a responsabilidade social corporativa, por ter comprado matéria-prima dos rebeldes do Congo durante o tempo de guerra. Em 2004 a queixa foi rejeitada baseada no facto de que a CPH “não tinha investido, mas feito comércio” de coltan, o que não está coberto pelas regras da OCDE. Com certeza Fatal Transactions estava desapontada: “Esta explicação reduz as directivas a uma mera formalidade, apenas para inglês ver”.

www.fataltransactions.org

4.4 Programa de Media e Liberdade de expressão⁴

Apesar de várias melhorias recentes no cenário dos media na África Austral, muitos dos problemas que os media independentes têm enfrentado desde a sua criação, há mais de uma década, ainda influenciam as suas habilidades de contribuir para o desenvolvimento de sociedades mais abertas e democráticas na região.

A tendência continuada de o estado exercer controle sobre os media através de restrições legais, políticas e económicas, continua a criar um ambiente operacional difícil e hostil para os media. O exemplo mais vivo em África Austral é o do Zimbabwe, cujo governo promulgou três leis draconianas que restringem severamente a liberdade de expressão, a liberdade dos media e o pluralismo e diversidade dos media.

A explosão dos canais de media que se verificou durante os últimos quatro anos não assegurou que os vários canais de media reflectem todos os pontos de vista públicos. Mais frequentemente, os grupos fora do “establishment” têm apenas um acesso marginal a este espaço dos media recentemente encontrado.

O estabelecimento, na África do Sul, da Media Diversity and Development Agency (Agência para a Diversidade e o Desenvolvimento dos Media), um corpo estatutário independente financiado conjuntamente por empresas de media do governo e privadas, serve como um modelo novo e aliciante para a África Austral de como parcerias público-privadas podem ajudar comunidades marginalizadas a produzir e ganhar acesso a informação.

Objectivos do Programa

Nesta conformidade, o Programa de Media do NiZA apoia e coopera com organizações de lobby, canais de media e instituições de formação na África Austral de modo a construir uma sociedade mais aberta e mais democrática. O programa de Media tem o objectivo de conseguir este desiderato melhorando as habilidades das nossas organizações parceiras de:

- Influenciar o **ambiente político e legal** para os media e a liberdade de expressão a nível nacional, regional e internacional;
- **Disseminar informação** e aumentar o acesso a informação;
- **Dar treinamento** a profissionais de media; e
- Melhorar a **sustentabilidade financeira** dos canais de media.

Forças unificadoras

Em 2004 o Programa de Media financiou € 2 milhões em apoio ao reforço da capacidade de mais de trinta organizações parceiras. O programa enfatizou o reforço das estratégias de criação de redes e ligações entre organizações parceiras e outros intervenientes. Alguns exemplos incluem:

- A Iniciativa de Difusão Pública, que foi lançada no ano passado com o apoio do NiZA, é um consorcio de âmbito continental de organizações de media. Em 2005 a organização planeia produzir um estudo comparativo do estado corrente

⁴ www.niza.nl/media

da difusão pública no continente africano e propor um plano de acção para responder à necessidade de reformas da difusão pública.

- Com o apoio do NiZA, Gender Links, uma organização regional de apoio, estabeleceu a Gender and Media Southern African Network (GEMSA), a primeira rede de “Género e Media” da África Austral. A GEMSA foi estabelecida como resultado de um estudo alargado, levado a cabo na região, sobre o conteúdo editorial apresentando as mulheres e os homens na África Austral.
- Behind the Mask (BtM) é uma ONG que serve como plataforma para a troca de informação, debate e lobbying de modo a fortalecer e a mobilizar as comunidades de lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais (lgbt) na África Austral. Com o apoio do NiZA, BtM estabeleceu uma rede de correspondentes em 17 países africanos e lançou o seu projecto Link (ligação) que procura encorajar as organizações de direitos humanos a incluírem os direitos destes grupos no seu trabalho.

Pedindo liberdade de expressão

Com o apoio do NiZA, várias organizações parceiras tomaram parte em importantes actividades de lobbying no ano passado:

- A Media Alliance do **Zimbabwe** (MAZ), um consórcio de três grupos de apoio de media no Zimbabwe, conduziu actividades conjuntas de lobbying em reuniões com a UE e países ACP em Haia. Também participou em várias reuniões da Comissão Africana Para os Direitos Humanos, da União Africana e do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos.
- Em **Angola**, O Instituto de Media da África Austral emitiu uma petição assinada por actores-chave locais dos media, pedindo a reforma da lei da radiodifusão.
- Na **África do Sul**, o Instituto de Liberdade de Imprensa liderou uma campanha contínua de lobbying em coligação com vários grupos comunitários de base protestando contra as tarifas altas do provedor nacional de telecomunicações, Telkom, e o facto de que não introduziu serviços nas zonas subservidas no país.

Construindo Pontes

Durante 2004, O Programa de Media colocou 14 jovens jornalistas holandeses em empresas de media e em organizações parceiras do NiZA na África do Sul. A experiência visa aprimorar as habilidades jornalísticas dos participantes e aumentar o seu entendimento dos assuntos e perspectivas na África Austral, com o fim último de aumentar a cobertura da África e dos assuntos de desenvolvimento nos media da Holanda.

Um dos participantes, Jasper van der Blik, escreveu entusiasticamente no seu blog na web durante a sua estadia na África do Sul: “Nesta Segunda Feira uma das melhores histórias da minha carreira inteira foi publicada no *The Sowetan*, na capa e nas páginas 4 e 5. 1500 palavras e duas fotografias tiradas por mim. Era uma reportagem secreta sobre um hospital para doentes mentais em Pretória e as chocantes violações aos direitos humanos no hospital. Estou agora a trabalhar no seguimento.”

O NiZA apoia igualmente o programa de troca de experiências NSJ Southern Africa Media Training Trust, que patrocinou dez jornalistas seniores africanos para trabalharem numa empresa de media dum país vizinho por um período de até dois meses. As trocas procuram aumentar as habilidades dos jornalistas participantes, estimular as redes transfronteiriças entre empresas de media e consciencializar sobre o estado corrente dos media e da liberdade de expressão no país que acolhe.

Um dos participantes do programa, Musa Ndlangamandla, redactor-chefe do Swazi Observer, disse sobre a sua experiência: “Se a África deve-se unir, os jornalistas devem jogar um papel vital. E se eles devem jogar este papel, eles devem conhecer e entender os países de cada um deles. Reportagens negativas de jornalistas que não entendem ou não conhecem as relações sociais, cultura e economia dos nossos países alimentam o público com informações erradas. É apenas através destes programas de trocas de experiência que nós teremos uma interacção correcta e melhor entre os jornalistas.”

Olhando para o Futuro

Em 2004 o Programa de Media avaliou os resultados e o impacto das actividades e estratégias do programa desde 2000, e desenvolveu um novo quadro de políticas para os próximos quatro anos. Tanto a avaliação como o desenvolvimento de um novo programa foram feitos em estreita colaboração com organizações parceiras do NiZA e intervenientes-chave no sector dos media. A avaliação concluiu que o NiZA é considerado uma das organizações de apoio aos media mais respeitadas e importantes na África Austral. É bastante apreciada pelos parceiros pela sua flexibilidade, consciência política e vontade de começar o diálogo e a cooperação.

De modo a assegurar intervenções mais efectivas e sustentáveis no reforço das capacidades, nós pretendemos:

- Enfatizar a troca e a transferência de conhecimentos entre os parceiros;
- Encorajar o aumento da cooperação e das parcerias entre o NiZA e outros doadores-chave; e
- Estimular um melhor entendimento do desenvolvimento de capacidades dentro do NiZA e com os seus parceiros.

Notícias surpreendentes da Namíbia

As notícias em muitos dos media na África Austral são bastante unilaterais. A maioria das notícias vem das capitais e os problemas dos grupos minoritários recebem muito pouca cobertura. Para equilibrar esta abordagem de cima para baixo, a *Polytechnic of Namibia* estabeleceu um serviço noticioso. Por um lado pretende ser um projecto de experiência de trabalho para os seus próprios estudantes de jornalismo, mas por outro lado dá espaço a vozes diferentes das habituais nos media da Namíbia.

O serviço noticioso *Echoes* (Ecos) emprega nove estagiários do primeiro e segundo ano e ainda estudantes de jornalismo. Eles conseguem histórias para o jornal, a rádio e o seu próprio website *Echoes*.

Em honra das eleições de 2004, os estudantes foram enviados a todas as partes do país. Eles organizaram discussões para descobrir a medida em que havia interesse nas eleições namibianas e o modo como as pessoas fora das comunidades estabelecidas as encaravam.

Vários artigos escritos por estudantes foram republicados pela imprensa de grande circulação, incluindo os mais proeminentes jornais privados, a Namibian Broadcasting Corporation e a Rádio comunitária de Katutura.

O Projecto Echoes é uma iniciativa da Faculdade de Tecnologia de Media no Polytechnic of Namibia, um parceiro do Programa de Media do NiZA.

4.5 Moçambique e Angola

Moçambique e Angola têm ambos uma guerra violenta na sua história. O tratado de Paz em Moçambique foi assinado em 1992; a guerra civil em Angola terminou apenas dez anos depois. Em ambos os países, os desenvolvimentos democráticos são obscurecidos por partidos que já foram oponentes ferozes. Isto faz a democracia muito frágil e precária, vulnerável para conflitos latentes. O NiZA faz um esforço extra nestes dois países, por exemplo colocando as organizações parceiras dos seus três programas em contacto umas com as outras e estimulando a cooperação. O NiZA também deseja manter Moçambique e Angola na agenda política na Holanda e na União Europeia como um todo, por meio de lobbying e do fornecimento de informação aos políticos, jornalistas e peritos.

As eleições foram um tópico importante em ambos os países em 2004.

Moçambique realizou eleições nacionais em Dezembro. Antes das eleições, a trabalhadora do NiZA Elma Doeleman visitou várias organizações envolvidas na educação de eleitores e observação eleitoral.

Angola vai votar em 2006. A legislação necessária para tornar as eleições possíveis ainda não está finalizada e a população eleitoral ainda não está informada. Os media angolanos e as organizações da sociedade civil deviam jogar um papel crucial nestas primeiras fases, mas têm de operar num país que ainda não se acostumou ao debate aberto.

O NiZA informou políticos e peritos sobre as eleições e os processos de democratização em ambos os países, em várias conferências bem assistidas na Holanda.

Moçambique

Moçambique é um país importante para o governo holandês e a comunidade doadora internacional. Investiram tanto dinheiro no país que às vezes fecham os olhos ao lado menos atractivo da administração em Moçambique. Esta falta de vontade de reconhecer alguns dos problemas existe apesar dos próprios moçambicanos apontarem a corrupção e os abusos de poder, bem como práticas eleitorais injustas. Eles esperam que os seus amigos em outros países apontem igualmente estes pontos negativos. Em resposta a esta expectativa, o projecto do NiZA “MoçambiQactual” desempenha em primeiro lugar uma função política: ele monitora fontes potenciais de conflito na ainda vulnerável democracia e demanda a atenção para estes problemas na Holanda e na União Europeia.

Eleições

Elma Doeleman, a coordenadora do MoçambiQactual, visitou o país em Maio para avaliar o sentimento geral nas várias províncias nas próximas eleições de Dezembro. Houve eleições para os Conselhos em 33 cidades em 2003, vencidas em cinco cidades pela primeira vez pelo RENAMO, o partido da oposição. Em algumas cidades os

antigos e novos líderes trabalharam juntos num clima de paz, enquanto outras cidades viram obstáculos constantes postos às novas administrações. Peritos Moçambicanos, políticos e jornalistas apreciaram muito os relatos extensivos das visitas da Sra. Doeleman.

Pouco antes das eleições nacionais de 1 e 2 de Dezembro, Elma Doeleman visitou um número de organizações parceiras em Moçambique que estavam envolvidas na educação de eleitores e na observação eleitoral. Nos dias propriamente reservados às eleições, a Sra. Doeleman foi observadora oficial para a organização internacional Carter Center.

Corrupção e Ajuda

Todavia, muito mais estava ocorrendo para além das eleições. Uma delegação de parlamentares holandeses visitou Moçambique em Maio. O NiZA informou-os antes, em cooperação com a NOVIB e Hivos, sobre a importância das organizações da sociedade civil na melhoria da qualidade da governação. Membros do partido holandês VVD (Partido Popular para Liberdade e Democracia) aproveitaram-se da sua visita para criticar fortemente a ajuda prestada a Moçambique, incluindo, de passagem, toda a ajuda ao desenvolvimento desde a Holanda. O subsequente debate parlamentar foi alimentado novamente por informações do NiZA. O Deputado do Partido VVD, o Sr. Szabó, por fim defendeu sozinho a causa e recebeu uma forte oposição de deputados do CDA (Apelo Democrata-Cristão) e PvdA (Partido Trabalhista).

Angola

Em 2004 o governo holandês falou em cortar a sua ajuda financeira para Angola. Para evitar que isso acontecesse, o NiZA organizou várias reuniões entre grupos angolanos de direitos humanos, organizações dos media e políticos holandeses. Contudo a decisão foi implementada, de modo que o NiZA decidiu tomar um passo extra por sua própria iniciativa, estabelecendo um grupo de projecto interno para Angola. Uma das suas primeiras actividades foi um grande encontro entre todos os parceiros angolanos nos Programas do NiZA. Muitos deles ainda não se conheciam bem e descobriram entusiasticamente que estavam a combater para alcançar os mesmos objectivos e a lidar com dificuldades comparáveis. Os parceiros falaram largamente da cultura do medo que ainda afecta o seu trabalho.

Depois desta reunião, o NiZA mandou fazer um estudo sobre o papel que as organizações da sociedade civil e os media jogam no processo de democratização em Angola. Todas as organizações parceiras foram entrevistadas. O estudo será a base para as actividades das organizações parceiras do NiZA na preparação para as eleições de 2006.

Por fim, o gestor de programas do NiZA, Bob van der Winden, juntou-se ao conselho consultivo do British-Angola Forum em Londres. Isto reforça a voz não-governamental neste fórum de lobby, que é tradicionalmente dirigido por barões de petróleo, o “establishment” britânico e o governo de Angola.

Medo marca o tom da preparação para as eleições em Angola

Em Setembro o NiZA organizou uma reunião em Amsterdão sobre Angola e Moçambique: Democracia, Eleições e Sociedade Civil. Foram convidados dois peritos de cada país. Eles discutiram o papel dos media, as práticas eleitorais em áreas rurais e a legislação sobre as eleições vindouras em ambos os países.

Uma das mais importantes conclusões foi de que Angola é dominada por uma cultura de medo. Muitas coisas devem mudar até que o povo sinta que vai na verdade votar livremente em dois anos, e que o seu voto faz verdadeiramente a diferença. É por esta razão que é importante lançar uma campanha de informação sobre as eleições agora. O papel dos media é crucial, mas ainda não há ainda liberdade de imprensa.

Contudo, a liberdade de imprensa não é o único requisito para que as eleições corram bem. As pessoas temem que as eleições venham a desencadear uma nova guerra civil, como aconteceu em 1992 quando Angola teve a oportunidade de votar pela primeira vez na sua história. Em Amsterdão, os convidados angolanos enfatizaram que Angola precisa começar a falar de crimes de guerra cometidos em décadas anteriores. Tal debate é crucial, mas o passado não pode mais ser usado como factor nas campanhas eleitorais. Como os angolanos aprenderam em primeira mão, isto pode ser extremamente perigoso.

5 Qual é o resultado destes esforços?

Em 2004 o NiZA investiu cerca de 4,5 milhões de euros em projectos de 108 organizações na África Austral. Estes são fundos públicos dos nossos doadores, dentre outras fontes, e do PSO, uma instituição financiada pelo governo holandês. O NiZA considera importante prestar contas sobre a forma como o dinheiro é gasto e os resultados que são alcançados. Para atingir este objectivo, fornecemos ao PSO relatórios anuais detalhados e informamos aos demais doadores neste relatório anual e noutras publicações. O NiZA fornece igualmente ao Ministério holandês dos Negócios Estrangeiros relatórios financeiros e narrativos a respeito dos subsídios financeiros por ele suportados. Além disso, elaboramos um relatório financeiro para cada ano, certificado pelo contabilista. Um sumário deste relatório para 2004 encontra-se anexado ao presente relatório anual. Os vários relatórios são usados como base para as revisões internas e os ajustes de políticas.

Quais são os resultados? Os resultados directos dos projectos financiados, os “output”, são razoavelmente fáceis de medir: os nossos parceiros deram X número de sessões de formação, facilitaram X número de trocas de experiência e organizaram ou participaram em X workshops. O que é por sua vez conseguido como resultado dessas sessões formativas e workshops, o “outcome”, é mais difícil de medir. Será que os jornalistas treinados e os oficiais de direitos humanos estão melhor capacitados no seu trabalho? Eles atingem as suas audiências mais efectivamente? As organizações têm mais capacidade de fazer lobby pelos seus objectivos e de convencer políticos e companhias a respeito da justeza da sua causa?

Quem monitora quem? Para ganhar conhecimento sobre o output e o outcome, o NiZA usa um sistema de monitoria e avaliação em que todos os parceiros e o próprio NiZA *aprendem* dos resultados. A visão do NiZA é de que cada organização deve ser capaz de avaliar as suas próprias actividades e o seu nível de qualidade tanto quanto possível, quer sejam parceiros ou doadores. Em programas de treinamento conjunto, os empregados do NiZA e dos parceiros desenvolveram questionários que lançam luzes sobre os efeitos sustentáveis do seu trabalho a longo termo.

Ao mesmo tempo, o Programa de Media foi totalmente escrutinado em 2004 por dois peritos externos, um do Zimbabwe e outro da Holanda. Os resultados foram encorajadores: o programa de Media do NiZA contribuiu em grande medida para redes mais fortes e trocas melhoradas de conhecimentos na África Austral. O que os peritos criticaram foram muitos dos projectos individuais. O NiZA tomou uma abordagem pro-activa sobre o assunto: desde 2005, o NiZA assina um contracto anual com todos os parceiros para assegurar a coerência de todos os projectos.

O NiZA e os parceiros notaram que a sustentabilidade ou os efeitos a longo termo dos investimentos são seriamente ameaçados pelas consequências desastrosas da epidemia de SIDA. Em 2005 o NiZA vai procurar resolver o problema de como podemos limitar os efeitos do SIDA nos projectos que nós financiamos.

6 Comunicações, informação pública e lobbying

6.1 Comunicação e informação pública

Há um cinismo crescente sobre a utilidade e os resultados da ajuda de desenvolvimento. O debate sobre o assunto aumentou em 2004, liderado pelo partido holandês VVD (Partido Popular para Liberdade e Democracia). Ao mesmo tempo, os relatórios sobre a África alimentaram este cinismo: a guerra e a fome em Darfur, as violações dos direitos humanos no Zimbabwe, SIDA, corrupção, pobreza, etc. O NiZA considera ser sua responsabilidade resistir a tal cinismo sem ignorar todas as verdadeiras injustiças na região. Na Holanda há ainda um apoio extensivo para as parcerias internacionais. Muitas pessoas dão o seu tempo como voluntários ou doam dinheiro para organizações de desenvolvimento. A tarefa de merecer, manter e fortalecer esta base de apoio demanda atenção constante de todos os envolvidos, incluindo o NiZA.

Em linha com o seu papel histórico na África Austral e com base nos desenvolvimentos do sector de parcerias da Holanda, o NiZA decidiu dar uma maior ênfase ao seu papel político. Em 2004 o NiZA começou a introduzir um perfil mais político, expresso num trabalho de campanha, informação pública e lobbying em dois tópicos: “Dez Anos de Democracia na África do Sul” e “Eleições”.

África do Sul: dez anos de democracia

O departamento de comunicação do NiZA tomou 2004 como o ano para redefinir o perfil do NiZA como uma organização politicamente engajada que tem em grande conta a democratização na África Austral. O tema central em 2004 foi “África do Sul: dez anos de democracia”, em celebração do facto de que as primeiras eleições democráticas decorreram em 27 de Abril de 1994, marcando o fim do regime do apartheid na África do Sul. O NiZA felicitou a África do Sul pelos seus dez anos de liberdade e democracia com um dístico enorme no seu edifício do lado oposto à Estação Central em Amsterdão. O NiZA também fez campanha nos media com o slogan “Don’t let Mandela’s work have been in vain! (Não deixe que o trabalho de Mandela tenha sido em vão)”. O website do NiZA publicou um dossier detalhado sobre “A Holanda contra o apartheid, 1948-1994’. Teve lugar em Amsterdão uma reunião para mais de três centenas de simpatizantes antiapartheid. Uma exibição do trabalho do fotógrafo sul-africano George Hallett, chamada “Moving in Time: Life in a democratic South Africa (Movendo no tempo: A vida numa África do Sul democrática)” esteve exposta durante o evento anual Living Yearbook (Anuário Vivo) e atraiu muitos visitantes.

Além destas actividades, o NiZA foi a várias cidades para apresentar a “Guerrilla Cinema South Africa on Tour”, um espectáculo de cinema interactivo sobre os dez anos de democracia na África do Sul. Guerrilla Cinema é uma mistura de duas horas de clipes de filmes curtos, comentários ao vivo pelo realizador do filme Ben Cashdan e discussões com a plateia. O Sr. Cashdan filmou e entrevistou inúmeros sul-africanos desde o Presidente Mbeki até a um activista, desde um bispo a um filantropo: “Qual o progresso que fizemos na África do Sul depois de dez anos de democracia e liberdade?” Os tópicos cobertos incluíam a reforma fundiária, a luta por água limpa, as dívidas do apartheid e as promessas eleitorais do ANC.

A *tour* estreou-se em De Balie em Amsterdão e passou por cinemas de arte em Roterdão, Haia, Utrecht e Eindhoven. Este programa permitiu que o NiZA alcançasse uma audiência completamente diferente do grupo tradicional de pessoas interessadas em assuntos de desenvolvimento, ou da sua própria base de apoio existente. Jovens e velhos, pessoas da política e pessoas apenas interessadas na África do Sul: a audiência colocou a Cashdan questões críticas cheias de um entusiasmo envolvente. Nunca um evento foi tão interactivo.

A é de anti

Quando o apartheid foi abolido oficialmente em 1994, ele trouxe também um fim a muitos anos de demonstrações e campanhas na Holanda para protestar contra a opressão dos brancos na África do Sul.

Dez anos mais tarde, em junho de 2004, mais de trezentas pessoas visitaram uma reunião para simpatizantes antiapartheid organizada pelo NiZA. Antigos activistas, colecionadores e demonstradores recolhidos em Amsterdão levantaram o copo para a nova África do Sul na presença do embaixador sul-africano.

Protestantes bem conhecidos como Sietse Bosgra (antigo membro do KZA), Kier Schuringa (antigo membro da AABN) e Erik van den Bergh (antigo membro da KAIROS) falaram sobre as suas memórias mais preciosas. Os participantes não tiveram nenhuma dificuldade em compreender o hilariante alfabeto antiapartheid escrito pelo Sr. Van den Bergh.

O orador principal naquela tarde foi o sul-africano Abdul Minty, antigo membro proeminente do conselho do movimento antiapartheid inglês e antigo director da Campanha Mundial Contra a Colaboração Militar e Nuclear com a África do Sul. Falou no papel dos movimentos internacionais na luta contra o apartheid e examinou os dilemas que a África do Sul enfrenta agora.

Um desses dilemas é a posição do país com relação ao Zimbabwe do seu aliado anterior, o Sr. Mugabe. A atitude passiva do ANC para com o presidente Mugabe foi um ponto difícil para os participantes holandeses na reunião, como mostrou o debate público. Os comentários não foram bem recebidos por um número de convidados sul-africanos. Entretanto, de acordo com seu historial de protesto, os antigos activistas não serão silenciados por ninguém.

Eleições

As eleições são uma expressão muito concreta da democracia, mas há também muitas maneiras em que podem ser manipuladas. Informação objectiva, campanhas abertas e desobstruídas e eleições livres e justas não são certamente um dado adquirido na África Austral. Muitas irregularidades ocorreram este ano em relação às várias eleições, variando da intimidação e fraude à violência.

Nos anos vindouros o NiZA quer focalizar explicitamente as circunstâncias necessárias para eleições livres justas. Os primeiros passos neste sentido foram dados em 2004, durante a oitava edição do Living Yearbook do NiZA sobre a África Austral, sob o lema “Levante a sua voz!” O evento foi realizado em 1 outubro 2004 no Felix Meritis em Amsterdão.

Os convidados do Zimbabwe relacionaram as consequências da nova lei proibindo financiamentos estrangeiros para as organizações de direitos humanos. Algumas

organizações não ficam à espera da efectivação da lei e dissolvem-se espontaneamente; outras decidiram passar à marginalidade, com todas as consequências a isso associadas. Embora a lei ainda não tivesse sido adoptada oficialmente em 2004, a incerteza era razão suficiente para que muitas pessoas saíssem do país. Tendo em vista as eleições em Março de 2005, este êxodo de eleitores potenciais é uma perda muito séria. Os media foram igualmente restringidos e são muito ponderados nas suas reportagens sobre a batalha eleitoral. Durante o Living Yearbook, os jornalistas exilados discutiram a hostilidade e as intimidações experimentadas por jornalistas dos media independentes. Com relação às eleições no Malawi este ano, Wiep Bassie, observador eleitoral para o NiZA no Malawi, debateu as possibilidades (limitadas) para observadores internacionais com Ollen Mwalubunju, que trabalha para o Centro de Direitos Humanos e Reabilitação no Malawi.

Em Setembro o website de NiZA lançou o dossier sobre “as Eleições na África Austral”, incluindo a informação sobre as eleições vindouras, as missões de observação eleitoral, os resultados, relatórios fotográficos, informação de fundo e links. Este dossier é actualizado em uma base contínua e contém actualmente informação sobre o Botswana, Malawi, Moçambique e Zimbabwe. (www.niza.nl/elections)

“Dando forma a uma nova África”

Em 2003 o NiZA, a NCDO e a SAHAN Consultancy começaram uma série de debates intitulados "dando forma a uma nova África". O alvo da série é quebrar a imagem pública negativa de África, realçar os desenvolvimentos positivos e estimular um debate aberto sobre políticas alternativas. Reservou-se um lugar importante na série para a *diáspora* africana na Holanda. A conferência final foi realizada em Haia na quarta-feira, 26 de Maio de 2004, com cerca de duzentos participantes. Africanos na Holanda, peritos africanos, políticos, formuladores de políticas e representantes das organizações holandesas de desenvolvimento debateram a política para a África do governo holandês. As principais perguntas incluíam o papel que a diáspora africana poderia jogar na formulação da política holandesa para a África e os exemplos positivos de boa governação, prevenção de conflitos e segurança alimentar na África. As recomendações dos workshops foram passadas para o Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação para o Desenvolvimento.

Briefings com a imprensa e publicações

Os briefings com a imprensa são um instrumento eficaz para envolver o povo holandês na situação em África Austral. Nesse contexto, o NiZA considera importante que as organizações com as quais colabora tenham um fórum onde as suas próprias vozes possam ser ouvidas. Isso significa que o NiZA convida regularmente pessoas da região para assistir a reuniões na Holanda, lançando ao mesmo tempo uma ofensiva na imprensa. Dá também a nossos convidados africanos uma oportunidade de encontrar-se com outras organizações similares e fazer lobbies com políticos.

Os media são mais do que capazes de contactar o NiZA quando há desenvolvimentos actuais em África Austral, quer se tratem de programas de rádio ou da imprensa escrita. O NiZA também tem uma abordagem pró-activa no contacto com os media, por exemplo, na ocasião do líder da oposição do Zimbabwe Morgan Tsvangirai em Novembro. O NiZA não apareceu nos media tão frequentemente como em 2003, em parte devido à cobertura dos eventos no Iraque.

O NiZA informou os holandeses sobre África Austral em várias publicações. Para as crianças na escola, o pacote da lição de hip-hop sobre HIV e SIDA foi preparado pelo segundo ano consecutivo. Mais escolas do que o esperado participaram este ano: mais de setenta classes participaram dos bem sucedidos workshops de rap e fizeram os seus próprios raps, muitos deles expressando críticas sociais. Isto é devido em parte à parceria com Dance4Life, a campanha nacional da juventude sobre SIDA na África Austral.

Para pessoas não envolvidas profissional ou academicamente na região, mas interessadas na área por alguma outra razão, o NiZA tem publicado a revista Zuidelijk Afrika há já oito anos agora. A revista foi redesenhada em 2004. Além de se dedicar aos desenvolvimentos actuais na região, os editores escolheram prestar especial atenção a cultura e viagens.

Apoio

O NiZA é apoiado por 25.000 doadores privados. Muitos deles já apoiaram o trabalho das organizações antiapartheid que no passado se fundiram para dar lugar ao NiZA. Um processo natural de declínio provocou um decréscimo no número total de doadores. Felizmente, o número de pessoas que apoia o NiZA numa base estrutural com doações periódicas cresceu outra vez neste ano.

6.2 Biblioteca e Centro de Documentação⁵

A Biblioteca e Centro de Documentação do NiZA (BIDOC) visa fornecer informação e documentação corrente e histórica sobre a África Austral para diversos grupos de pessoas: jornalistas, alunos e estudantes, pesquisadores e peritos.

Em 2004 o catálogo da biblioteca foi expandido mais uma vez para mais de 3.000 novos registos, para um total corrente de cerca de 18.000 registos na colecção. O reconhecimento internacional para o trabalho do BIDOC foi confirmado por um acordo assinado com a Corporação Nacional Americana de Serviços de Informação para incluir o catálogo da BIDOC no seu pacote de CD-ROMs bibliográficos.

Para além do seu catálogo, desde 2001 o NiZA tem estado igualmente a disponibilizar a colecção nos chamados dossiers BIDOC. Em Maio a BIDOC publicou o sexto dossier, uma extensiva *Bibliografia anotada sobre a TRC na África do Sul*. Este dossier contém um resumo de todo o material que o NiZA recolheu sobre a Comissão Verdade e Reconciliação (TRC) desde 1994 (mais de 1000 fontes) e uma introdução do Professor Flinterman, chefe do Centro holandês de Direitos Humanos em Utrecht. O sétimo dossier, *Liberdade de imprensa na África Austral* seguiu-se em Setembro.

O projecto para tornar disponível uma colecção inteira de vídeo terminou em finais de 2004. A colecção compreende correntemente cerca de 800 fitas de vídeo, muitas sobre a África do Sul (550), mas também sobre Moçambique (67), Zimbabwe (30) e Namíbia (36). Também neste ano, houve um aumento no número dos pedidos para aluguer de fitas de vídeo, em particular das escolas.

⁵ www.niza.nl/bidoc

Acessível via Internet

O NiZA considera ser excepcionalmente importante tornar o catálogo da biblioteca acessível ao público internacional. O número de publicações (por terceiros ou pelo próprio NiZA) que podem ser baixadas directamente do website do NiZA aumentou com regularidade para 780 documentos. Foram igualmente incluídos mais links para publicações e artigos correntes sobre a África Austral na Internet. Desta forma os visitantes podem usar o website do NiZA como um portal claro e acessível sobre o tópico.

O plano para tornar o catálogo da biblioteca disponível via Internet sofreu alguns atrasos em 2004 devido a dificuldades técnicas e será concluído em 2005.

Em colaboração com o Arquivo Histórico em Maputo, Moçambique, o pessoal da BIDOC preparou uma publicação em 2004 sobre as relações históricas entre a Holanda e Moçambique. Será publicada na Primavera de 2005.

6.3 O Clima político em Haia e na Europa

A utilidade da ajuda ao desenvolvimento está sujeita a discussão desde que esta ajuda começou a ser fornecida. 2004 não foi excepção: no ano passado o sector esteve debaixo do fogo do “establishment” político em Haia. Desta vez a razão foi a visita de trabalho a Moçambique em Maio pelo Comité Parlamentar Permanente para os Negócios Estrangeiros. O partido holandês VVD (Partido Popular para Liberdade e Democracia) despoletou o debate com notícias de alegada corrupção com a ajuda financeira a Moçambique. A discussão do orçamento para a ministra Van Ardenne no outono foi também dominada pela questão da utilidade ou não da ajuda ao estrangeiro. O NiZA municiou os políticos para o debate várias vezes durante o ano. Antes e depois da visita de trabalho a Moçambique, o NiZA informou os parlamentares sobre a situação no país e levantou questões sobre as histórias de corrupção. Durante o Living Yearbook em Setembro, o deputado do VVD, Sr. Szabó, e o deputado trabalhista para o Parlamento Europeu, Sr. Van den Berg, debateram a respeito dos resultados de 35 anos de cooperação para o desenvolvimento. O Sr. Van den Berg não poupou o Sr. Szabó no tocante aos deputados europeus do seu partido VVD. Eles não têm vontade de abolir os subsídios agrícolas e as restrições de importação que impedem os países africanos de vender os seus produtos no mercado europeu. Isto está em contradição directa com as declarações do VVD em favor do ao comércio livre mas contra a ajuda. O Sr. Szabó defendeu a postura dos representantes do seu partido assegurando ao seu colega que o VVD de facto é a favor do levantamento das restrições comerciais, mas os seus colegas de partido em Bruxelas nem sempre querem ouvir....

Política governamental

Na primavera, a ministra Van Ardenne apresentou a política para África do Governo, expressa no memorando com o título *Strong people, weak states (Povo forte, estados fracos)*. Em preparação para a discussão do memorando da Sra. Van Ardenne ao parlamento, o NiZA redigiu a sua resposta e apresentou-a a vários deputados. O NiZA insistiu por uma abordagem integral para a África Austral. Por um lado a região é a força económica da África subsaariana, enquanto por outro lado ela pode fazer ou romper a estabilidade da África a sul do Saara. O envolvimento holandês nesta região

deve ir para além dos parceiros oficiais da Holanda, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e África do Sul.

A ministra não estava preparada para dar este passo, mas ela concedeu um memorando especial sobre o comércio que focaliza na África Austral em primeiro lugar.

Presidência da União Europeia

As eleições europeias e a presidência holandesa da União Europeia fizeram de 2004 um ano europeu. O NiZA monitorou os esforços holandeses durante a sua presidência e ficou desapontado com as ambições formuladas pelo governo. A petição do Governo holandês para poder usar os recursos da ODA (Ajuda Oficial ao Desenvolvimento) igualmente para actividades militares representa uma questão problemática para o NiZA.

Em Dezembro, no fim da sua presidência da UE, a Holanda realizou o sexto Fórum de Discussão da UE sobre os Direitos Humanos, centrado na protecção dos activistas de direitos humanos. O NiZA esteve activamente envolvido nos workshops e trouxe a perícia de Piers Pigou para aquele propósito. O Sr. Pigou é especialista na protecção dos activistas de direitos humanos na África Austral. Durante a conferência, trabalhou-se num manual contendo linhas de orientação para as embaixadas europeias, para torná-las capazes de oferecer protecção aos activistas de direitos humanos.

Em 2004 o NiZA estruturou e intensificou com sucesso os seus laços com políticos e tomadores de decisão holandeses através de conversas pessoais, reuniões públicas e informação escrita, tanto solicitada como não solicitada. A informação fornecida pelo NiZA levou a questões levantadas no parlamento pelo Partido Trabalhista (PvdA) sobre o envolvimento do cidadão holandês John Bredenkamp no comércio de armas com o Zimbabwe, e a questões levantadas pelo Partido Socialista sobre a introdução europeia do Processo de Kimberley para diamantes brutos.

7 Votação na África Austral

O NiZA defende a democratização na África Austral. Eleições livres e justas são uma expressão muito concreta da democracia, mas as eleições estão cada vez mais sujeitas a manipulações e determinadas pela violência e fraude. Durante os períodos eleitorais, as deficiências nas áreas de direitos humanos e liberdade de expressão destacam-se em nítido relevo.

Este ano, um grupo grande de parceiros do NiZA investiu muito trabalho nas várias eleições: desde a disseminação de informação sobre a votação até ao treinamento de observadores locais, desde a acção para promover uma cobertura política neutra até ao apoio aos activistas sob ameaça de perseguição no Zimbabwe. Várias actividades são descritas com mais detalhes neste relatório anual. A seguir uma vista geral dos factos concernentes as várias eleições em 2004.

África do Sul, 14 de Abril de 2004

Nas terceiras eleições parlamentares livres da África do Sul, o Congresso Nacional Africano (ANC) viu a sua maioria subir novamente, passando de 62 por cento dos votos em 1994, para 66 por cento em 1999, para perto de 70 por cento este ano. O partido mais importante da oposição, a Aliança Democrática (DA), recebeu 12 por cento dos votos. Os outros partidos da oposição, incluindo o Inkatha Freedom Party e o antigo partido do apartheid, NNP, experimentaram uma marginalização ainda maior. A posição do ANC é inatacável. A DA não foi capaz de se desfazer do seu perfil branco e ganhar mais votos entre as populações negras. Os observadores acreditam que a dominação do ANC pode apenas ser quebrada se houver um cisma dentro da ampla aliança do ANC, que consiste do próprio ANC, da Aliança Sindical COSATU e do Partido Comunista da África do Sul.

Malawi, 18 de Maio 2004

As organizações da sociedade civil no Malawi sentem-se cada vez mais alienadas da política. As eleições foram assoladas por toda a sorte de irregularidades, por exemplo, a lista dos eleitores registados estava desajustada e o acesso dos media era péssimo. As missões de observadores declararam que as eleições foram *livres*, mas não acrescentaram a palavra *justas* na sua descrição. O Candidato do Presidente cessante Muluzi, o Sr. Mutharika (Frente Democrática Unida, UDF) ganhou 35 por cento, enquanto o candidato da oposição Sr. Tembo (Partido do Congresso do Malawi, MCP) teve 27 por cento e o Sr. Chakuamba (Partido Republicano, RP) ganhou 26 por cento. As eleições parlamentares apresentaram inicialmente um quadro diferente. O MPC ganhou a maior parte dos assentos, mas a UDF ganhou por fim uma pequena maioria quando 26 deputados independentes trocaram de lado e o RP também se juntou à UDF. Desde aquela altura, Mutharika tem-se mostrado como um adversário firme da corrupção, muito contra a vontade do seu antigo patrão, ex-presidente Muluzi. Ele deixou a UDF e fundou um novo partido com o apoio de outros membros da UDF e de partidos pequenos.

Botswana, 30 de Outubro de 2004

No Botswana, o Partido Democrático do Botswana (BDP) é o partido no poder desde a independência do país em 1966. Conforme esperado, o BDP ganhou as eleições para o parlamento (51 por cento). A oposição não foi capaz de fazer qualquer demonstração real de força.

O Botswana é visto como um exemplo vistoso de democracia. Todavia, há algumas preocupações sobre a hegemonia inquebrantável do BDP e sobre o sucessor certo do Presidente Mogae: o populista e, conforme alguns, autoritário Tenente-General Khama, vice-presidente do país e filho de Sir Seretse Khama, aquele que proclamou a independência.

Namíbia, 15 e 16 de Novembro de 2004

O sucessor escolhido pelo Presidente Nujoma, o Sr. Pohamba, ganhou mais de 76 por cento dos votos e o seu partido SWAPO ganhou 75 por cento. As reclamações expressas pelos partidos da oposição sobre as irregularidades durante as eleições foram reconhecidas e tratadas, mas não tiveram qualquer influência nos resultados. A oposição está profundamente dividida.

Moçambique, 1 e 2 de Dezembro de 2004

Nas eleições presidenciais, Guebuza da FRELIMO teve uma estrondosa vitória sobre o seu oponente Dhlakama (da RENAMO) com mais de 63 por cento. Nas eleições parlamentares a FRELIMO ganhou 62 por cento e a RENAMO andou à volta de 30. Em contraste com os anos anteriores, a participação foi extraordinariamente baixa. Apenas a FRELIMO (160 assentos) e a RENAMO-União Eleitoral, a Aliança da RENAMO com pequenos partidos (90 assentos), estão representadas no parlamento.

8 Organização, pessoal e política

O NiZA experimentou um crescimento relativamente rápido nos últimos dois anos, tanto em actividades na África Austral, Holanda e Europa como no número dos seus empregados. No ano passado, o pessoal cresceu para 58. Muitos dos empregados trabalham em tempo parcial. O aumento de empregados necessitou um maior grau de profissionalização. Em 2004, prestou-se muita atenção a este aspecto. Um resultado positivo destas actividades é que em 2004 a dispensa por doença esteve mais uma vez abaixo da média nacional.

Profissionalização

Em 2004 o NiZA continuou a trabalhar na profissionalização das suas políticas de pessoal iniciadas em 2003. Foram desenvolvidos procedimentos claros a respeito do recrutamento e selecção, do treinamento de novos empregados e da educação e promoção de empregados. Devido ao aumento do pessoal, os gestores dos departamentos estão mais envolvidos nas políticas de pessoal dos seus departamentos. O próximo passo no aumento do profissionalismo é o aumento da harmonização entre a política de pessoal e a estratégia do NiZA a longo prazo, particularmente com vista ao desenvolvimento pessoal dos empregados.

Mais educação de grupos

Para além de programas de treinamento individual, 2004 viu renovada a atenção nos programas de educação em grupo para os trabalhadores do NiZA. O Programa de treinamento em grupo na teoria e prática da cooperação para o desenvolvimento, começado em 2003, continuou em 2004.

Além disso, o NiZA organizou um dia de informação e discussão por mês para os seus empregados. As reuniões foram introduzidas por um perito externo. Empregados do centro de informação do NiZA, BIDOC, forneceram um pacote informativo para os participantes. O BIDOC também distribui um resumo interno e bissemanal de informações, oferecendo uma selecção de artigos sobre a África Austral retirados dos media.

Este ano vários empregados do NiZA participaram de programas de treinamento conjuntamente com empregados de organizações parceiras na África Austral, particularmente no campo do desenvolvimento da organização. O NiZA está convencido de que estes programas de treinamento partilhados são úteis e irá implementar esta forma de educação e treinamento mais frequentemente.

Introdução de entrevistas de avaliação laboral

O crescimento da organização exige descrições de tarefas consistentes e uma estrutura de pagamento concebida à base destas descrições. As novas descrições de tarefas estão centradas nas competências que os empregados devem possuir de maneira a realizarem o seu trabalho e obterem os resultados esperados. Em 2005 o desenvolvimento destas descrições de tarefas será prosseguido em consultas com o conselho de trabalho. Para além de revisões de desempenho, conduziram-se em 2004 as primeiras entrevistas de avaliação de emprego. Prestou-se muita atenção para a introdução das entrevistas de avaliação na organização, por exemplo através do treinamento dos gestores.

Taxa Baixa de dispensa por doença

O NiZA esforça-se em manter as dispensas por doença a um nível mínimo. Embora a taxa de dispensa por doença tenha subido para 4,2 por cento, é ainda baixa se comparada à media nacional.

É prestada constante atenção à pressão laboral, às condições ergonómicas no local de trabalho e aos métodos de gestão usados pelos gestores. Se as dispensas por doenças ocorrem ou parecem eminentes, têm lugar consultas regulares entre o departamento do pessoal, gestores dos departamentos e o médico. Todos os empregados do NiZA têm a oportunidade de tirar um curso de prevenção de LER (Lesões por Esforços Repetitivos) uma vez por ano.

Ciclos de políticas

O NiZA usa um ciclo estruturado de políticas para desenvolver, monitorar e avaliar políticas. Os gestores e a direcção usam o Sistema de Gestão de Informação para rastrear o progresso e identificar constrangimentos. Usam-se consultas regulares entre a direcção e os gestores para decidir, se necessário, o ajustamento da abordagem ou estratégia ou o refinamento dos horários e objectivos. O departamento financeiro fornece extractos mensais e trimestrais para este propósito.

Representação dos Trabalhadores

A representação dos trabalhadores (a PVT) do NiZA em 2004 consistiu de cinco membros eleitos. Eles aconselham a direcção e o departamento de pessoal sobre as políticas de pessoal, desenvolvimento organizacional e saúde laboral, bem como sobre assuntos de segurança.

Em 2004 a PVT esforçou-se em primeiro lugar para assegurar a introdução cuidadosa de um novo sistema de trabalho e de pagamento (veja acima). Por iniciativa da PVT, a direcção foi solicitada a dar aos trabalhadores explicações extra sobre as mudanças planificadas. Além disso, a representação do pessoal aconselhou sobre o novo plano de políticas para o pessoal, o novo plano de compensação para viagens de trabalho e o esquema de cuidados às crianças. Uma vez que o pessoal excedeu os cinquenta e cinco trabalhadores, a PVT preparou-se para a nomeação, em 2004, do conselho de trabalho, com poderes acrescidos.

Por fim, o PVT organizou um dia anual do trabalhador. Uma caça ao tesouro por Amsterdão levou os empregados a destaques históricos da luta antiapartheid.

9 Parcerias

9.1 Introdução

Há já alguns anos que o NiZA mantém uma relação especial com duas organizações que estão alojadas nos nossos escritórios. As três organizações fazem o máximo possível para usar a perícia e os contactos uns dos outros. As duas organizações são:

- SANPAD (programa sul-africano e holandês de pesquisa de alternativas em desenvolvimento), uma aliança de universidades holandesas e sul-africanas;
- Zimbabwe Watch, uma aliança de organizações holandesas da sociedade civil que trabalham para promover o processo de democratização no Zimbabwe.

O SANPAD financiou treze novos projectos de pesquisa académica em 2004 e apoiou pesquisadores por meio de conferências e cursos. Quarenta projectos foram finalizados com êxito.

Em 2004, Zimbabwe Watch fez lobby intenso para manter o Zimbabwe na agenda internacional. Também foi investido bastante tempo na união de grupos dentro e fora do país na sua luta contra as violações dos direitos humanos e a opressão pelo regime de Mugabe.

9.2 SANPAD⁶

O Programa sul-africano e holandês de Pesquisa de Alternativas em Desenvolvimento (SANPAD) é um programa de pesquisa que visa estimular a pesquisa de alta qualidade por académicos sul-africanos. De modo particular, o SANPAD procura promover a pesquisa científica por sul-africanos de grupos em desvantagem. Durante a era do apartheid estes grupos tinham raras oportunidades no mundo académico da África do Sul, que era dominado por brancos. Os pesquisadores sul-africanos colaboram em projectos de pesquisa com colegas das universidades holandesas.

O Ministério holandês da Cooperação para o Desenvolvimento tem financiado o SANPAD desde 1997.

O secretariado holandês está situado no escritório do NiZA. Desde 2003, a gestão geral do SANPAD está localizada no secretariado do SANPAD na África do Sul.

Pesquisa em 2004

Foram aprovadas treze propostas de pesquisa em 2004, o que nos leva a um total de 110 grupos de pesquisa apoiados desde 1997. Também foram subsidiados oito workshops de pré-propostas, o que ajuda os pesquisadores a escrever as suas propostas de pesquisa. Até ao momento, aproximadamente quarenta projectos de pesquisa foram concluídos com êxito.

28 pesquisadores juniores da África do Sul que estão envolvidos em projectos do SANPAD participaram do curso de metodologia que o SANPAD organiza anualmente. Este curso de sete semanas dá assistência aos estudantes para preparar a sua pesquisa de doutoramento.

⁶ www.niza.nl/sanpad

Finalmente, o SANPAD organizou uma serie de conferências para pesquisadores do SANPAD em matérias tais como gestão de projectos, supervisão e disseminação de resultados da pesquisa.

O SANPAD financia pesquisas sobre os seguintes temas:

- Novas abordagens para o desenvolvimento económico;
- Desenvolvimento social e qualidade de vida;
- Recursos naturais e sua gestão;
- Democracia, governo e sociedade civil;
- Cultura, identidade e sociedade;
- Redução da pobreza.

Todos os projectos de pesquisa devem ser relevantes para a sociedade e devem ter um impacto positivo na tomada de decisões políticas. As chamadas para propostas de pesquisa circulam sob a forma de publicidade nos grandes jornais sul-africanos e no website do secretariado do SANPAD na África do Sul: www.sanpad.org.za.

Membros do sindicato no ANC

O ANC e a COSATU eram os parceiros mais leais na luta contra o apartheid na África do Sul. Como mudou esta relação desde que o ANC assumiu o poder? Com o apoio do SANPAD, uma equipa académica da África do Sul e da Holanda fez um estudo no ano das eleições de 2004 sobre as opiniões dos simpatizantes da COSATU sobre o governo do ANC, a democracia parlamentar, a direcção da economia e as relações entre o governo, empregados e empregadores.

Os resultados preliminares mostram que o ANC pode ainda contar com o apoio dos membros do sindicato em 2004, mas há uma insatisfação generalizada sobre a falta de emprego e o problema do SIDA. Apesar deste facto, a grande maioria dos membros aceita o sistema político e económico corrente (democracia liberal e capitalismo), o que mostra que a democracia na África do Sul se está a estabilizar. O estudo recebeu grande cobertura nos media da África do Sul.

9.3 Zimbabwe Watch ⁷

Em 2004 e 2005, como nos anos anteriores, a situação no Zimbabwe continua a piorar. A sociedade civil, em particular, sofreu duros golpes. A legislação restritiva ameaça seriamente o poder de acção das organizações locais. Continua a haver violência e intimidação particularmente em relação à mulher, e as liberdades políticas foram restringidas ainda mais em 2004. Nesta conformidade, Zimbabwe Watch continuou as suas actividades em 2004.

Zimbabwe Watch é uma aliança de nove organizações da Holanda que trabalham em conjunto com organizações parceiras no Zimbabwe. Zimbabwe Watch quer fazer uma contribuição, em colaboração com organizações do Zimbabwe, para a emergência da democracia no Zimbabwe que respeite as violações internacionais dos direitos humanos. Os membros de Zimbabwe Watch fazem lobbies em conjunto a nível

⁷ www.zimbabwewatch.org

holandês, europeu e internacional e mantêm-se actualizados sobre os projectos de parceiros e os desenvolvimentos no Zimbabwe.

O NiZA tem sido uma das forças condutoras por detrás da aliança desde os seus primeiros dias em 2001, e aloja o seu coordenador.

Lobby, lobby, lobby

Em 2004, Zimbabwe Watch continuou o seu intenso lobbying para manter o Zimbabwe na agenda internacional. Trabalhando estreitamente com organizações do Zimbabwe, Zimbabwe Watch levou a situação espantosa dos direitos humanos à atenção da UE, do Comité Africano de Direitos Humanos e de vários países individuais na Europa e na África. A UE apresentou uma resolução ao Comité de Direitos Humanos das Nações Unidas – em parte como resposta à pressão de Zimbabwe Watch – mas ela não foi aceite.

Várias organizações de lobby do Zimbabwe juntaram forças e combinaram as suas actividades de lobby, graças a Zimbabwe Watch. Devido ao seu esforço conjunto, a União Africana adoptou o relatório sobre a situação de direitos humanos no Zimbabwe. Antes disso, o governo zimbabweano havia tentado suprimir o relatório.

Em Março, Zimbabwe Watch organizou uma conferência única. Várias organizações da sociedade civil do Zimbabwe tais como igrejas, sindicatos e organizações de direitos humanos juntaram-se na Holanda para discutir a respeito da situação do Zimbabwe numa atmosfera segura e aberta. No passado tinha havido tensões entre diferentes organizações, e uma falta de cooperação. Durante a conferência, a falta de confiança deu lugar a confiança mútua e alcançaram-se acordos sobre a partilha de informação e o trabalho conjunto.

Objectivos de Zimbabwe Watch

Zimbabwe Watch quer contribuir para a emergência de um Zimbabwe democrático. Os objectivos são:

- O Zimbabwe tem de voltar a ser um estado constitucional;
- O direito à liberdade de expressão deve ser garantido;
- A violência política deve parar;
- A ajuda alimentar deve ser tornada acessível para todos, seja qual for a preferência política;
- Todos os partidos devem tornar possíveis eleições honestas e livres em 2005;
- Devem ser desenvolvidas alternativas para o Zimbabwe.

Zimbabwe Watch trabalha para conseguir estes objectivos em colaboração com organizações do Zimbabwe.

Eleições

Vão decorrer eleições parlamentares no Zimbabwe em Março de 2005, sob o olhar de observadores sem credibilidade, de países como a China, Irão e Coreia do Norte. A EU não foi convidada a enviar observadores. Em 2004, Zimbabwe Watch começou a procurar activamente por outras possibilidades para a observação eleitoral, por exemplo por meio das igrejas.

O ano de 2004 foi caracterizado por muita violência, intimidação e poucas possibilidades para os partidos da oposição levarem a cabo a sua campanha eleitoral. Zimbabwe Watch pediu, portanto, que a UE condenasse antecipadamente as eleições, declarando que elas não seriam nem livres nem honestas.

Desobediência civil

As organizações da sociedade civil do Zimbabwe têm cada vez menos liberdade de movimento, em parte devido à nova Carta das ONGs, que proíbe o financiamento estrangeiro para organizações não-governamentais. Para quebrar o impasse, em 2004 Zimbabwe Watch começou a procurar por organizações que estão a trabalhar de maneiras alternativas por um Zimbabwe mais democrático. Estas maneiras incluem organizações e movimentos que querem informar e activar o povo do Zimbabwe, por exemplo por meio de actividades lúdicas e animadoras. Uma vez que não se encontram registadas como ONGs ou não têm escritórios permanentes, elas são menos susceptíveis à lei anti-ONGs.

10 Relatório financeiro

Olhando de volta para a situação financeira de 2004, o NiZA pode justamente estar orgulhoso do que conseguiu alcançar. No ano passado o NiZA gastou uma quantia recorde nos seus objectivos. A grande maioria de mais de sete milhões de euros foi para o apoio para parceiros e projectos na África Austral. O aumento de cerca de 43 por cento em gastos foi causado pelo lançamento de dois novos programas e por uma parceria ainda mais efectiva entre o NiZA e os seus parceiros.

A situação financeira do NiZA permanece saudável. O NiZA tem à sua disposição, até 2006, um subsídio institucional de quatro anos do Ministério holandês dos Negócios Estrangeiros. Depois deste período, o NiZA poderá contar com importantes subsídios do PSO para financiar os seus parceiros na África Austral.

Contudo, o crescimento contínuo da organização é acompanhado por riscos financeiros maiores. Portanto o NiZA já ajustou as suas políticas de capitais e vai aumentar a sua reserva permanente.

10.1 Situação financeira

Um objectivo importante da política financeira de 2004 foi o dispêndio completo das finanças disponíveis para os parceiros e projectos do NiZA na África Austral. O NiZA alcançou este objectivo e foi capaz de gastar inteiramente o montante planificado de € 4.565.306. Em parte como resultado disto, o NiZA gastou uma quantia recorde nos seus objectivos no ano passado, especificamente no apoio à democratização do Sul e na disseminação de informação e aumento do apoio no Norte. O montante total gasto (€ 7.741.156) é 2,3 milhões de euros mais alto do que no ano passado.

Tudo isso foi possibilitado por uma maior contribuição de um dos doadores mais importantes do NiZA, PSO, e pelo subsídio institucional do Ministério holandês dos Negócios Estrangeiros.

O NiZA registou resultados operacionais ligeiramente negativos atingindo o montante de € 9.709 no último ano, reduzindo o seu capital próprio. € 36.290 foram deduzidos da provisão para activos operacionais, cujos fundos incluem a valoração dos bens. Uma vez que este levantamento excede o défice na gestão operacional, o capital próprio disponível do NiZA aumentou em € 26.581. O capital próprio disponível de 31 de Dezembro de 2004 foi de € 694.471. Este desenvolvimento está de acordo com as políticas.

A renda proveniente da angariação de fundos foi uma decepção. Apesar de esforços adicionais, estas receitas caíram novamente.

10.2 Receitas: Notas explicativas

As receitas do NiZA são provenientes de fundos angariados, subsídios do governo, outros subsídios e outras receitas.

Fundos Angariados

Em 2004 o NiZA recebeu € 434.566 em doações. Foi menos do que o montante de € 520.000 orçamentado, e cinco por cento menos do que no ano passado. Apesar de investimentos adicionais, esta tendência para o decréscimo tem continuado com

regularidade desde 1994. No próximo ano o NiZA vai redobrar os seus esforços para descobrir quais das suas próprias actividades permitiam a angariação de fundos. Os custos das actividades de angariação de fundos pelo NiZA chegaram ao montante de € 108.354. Em 2003 estes custos atingiram € 99.180. O aumento de € 9.174 foi causado em grande parte pelos altos custos de implementação. Os custos de angariação de fundos estão agora em 24,93 por cento dos fundos angariados. Tendo em vista que as receitas diminuíram, o NiZA não encara este facto como um mau resultado. Além de mais, as medidas interinas de corte de custos asseguraram que os nossos custos de angariação de fundos não excedem o limite fixado em 25 por cento pela CBF, a repartição central holandesa para angariação de fundos.

Subsídios do governo e outros subsídios

O NiZA fornece apoio financeiro a mais de cem organizações no contexto de quatro planos sectoriais: Media, Direitos Humanos, NePAD e PPP (responsabilidade social corporativa na indústria das matérias primas). Os últimos dois são conjuntamente designados neste relatório como o Programa de Empoderamento Económico. Em 2004 o NiZA recebeu € 4.565.306 em subsídios para estes programas e outros projectos na África Austral, € 213.438 mais do que o orçamentado. Os planos sectoriais receberam colectivamente € 3.916.353, o que é € 166.353 mais do que orçamentado. Estes excedentes são devidos principalmente a altos subsídios do PSO para o plano do sector de Media e o plano de sector do NePAD. Outros projectos para os quais o NiZA recebeu subsídios incluem o SANPAD, Zimbabwe Watch, a geminação Amsterdão-Cidade da Beira, e o último programa sobre eleições, PEPSA.

O campo de operações do NiZA estende-se para além dos limites da África Austral. Na Holanda, o NiZA trabalha para disseminar a informação sobre a região e aumentar o apoio para a cooperação para o desenvolvimento. O NiZA recebeu € 380.293 em subsídios para estas actividades em 2004. Estes foram menos do que os orçamentados, dado o facto de que um subsídio da União Europeia para a informação pública não foi garantido.

Finalmente, em 2003 o NiZA recebeu um subsídio institucional de quatro anos do Ministério holandês dos Negócios Estrangeiros. O subsídio total é de nove milhões de euros para o período que vai de 2003 a 2006. € 2.106.000 deste montante foram gastos em 2004. A atribuição anual aumenta em cada ano, levando em linha de conta o crescimento da organização e os custos crescentes associados.

Outras Receitas

Outras receitas compreendem as receitas de juros, o retorno de investimentos e as vendas da revista *Zuidelijk Afrika*.

Juros e mudanças no valor dos investimentos

Em 2004 o NiZA recebeu € 85.057 em juros e valores mudados dos seus investimentos, € 5.057 mais do que o orçamentado. Os juros das receitas totalizaram € 21.109 e a mudança no valor dos investimentos do NiZA tiveram um valor de € 63.948. O NiZA investiu parte dos bens líquidos no fundo de investimentos ASN. O dividendo destes investimentos foi incluído nas rendas dos juros.

A revista Zuidelijk Afrika

Desde 1997 o NiZA publica uma revista trimestral com o título de *Zuidelijk Afrika* (África Austral). Em 2004 as receitas caíram em € 20.361. Isto deve-se em primeiro lugar ao facto da revista *Zuidelijk Afrika* ter parado de produzir especiais financiados por terceiros. Em 2004 foi lançada uma nova campanha de recrutamento, mas ela ainda não produziu os resultados desejados. A situação financeira da revista é motivo de grande preocupação. Em 2005 o NiZA vai decidir se vai continuar com a revista ou não e, em caso afirmativo, qual será a forma (viável) da revista.

Outras receitas

As outras receitas foram de € 48.966, enquanto tinham sido orçamentados € 66.000 para esta rubrica. As baixas receitas foram devidas primeiramente a vários passivos imprevistos, que foram liquidados com os outros fundos.

10.3 Gastos: notas explicativas

Em 2004 o NiZA deu um grande passo financeiro em frente. O NiZA gastou € 7.741.156 nos seus objectivos, 2,3 milhões de euros mais do que no ano passado, representando um aumento de cerca de 43 por cento. O aumento dos gastos foi alcançado primeiramente pelos planos sectoriais para os Media e o NePAD. O dispêndio completo dos fundos disponíveis para os planos sectoriais foi uma das pedras angulares importantes da política financeira do NiZA em 2004. Pela primeira vez, o NiZA alcançou este objectivo. Conforme planificado, foram lançados dois novos planos sectoriais em 2004. A efectividade dos programas e a sua harmonização com as organizações parceiras também viram uma melhoria significativa. Estes desenvolvimentos positivos traduzem-se directamente no aumento dos gastos. Os custos de implementação dos planos sectoriais aumentaram ligeiramente, mas isto era de esperar em vista dos normais aumentos anuais dos custos. Quase não houve aumentos de pessoal nos departamentos de programa envolvidos. Isto significa que as relações entre as despesas e os custos de implementação viram desenvolvimentos positivos.

O NiZA gastou € 1.734.873 em informação pública e sensibilização, € 497.237 mais do que no ano passado. Aumento das despesas foi causado pelo aumento do número de actividades e os respectivos custos de implementação. Conforme planeado, o NiZA investiu este ano fundos adicionais em conhecimento e políticas, em actividades de lobbying, no centro de documentação BIDOC e no website. Isto está em linha com a escolha de desenvolver o NiZA como um provedor de conhecimentos e uma organização de redes e lobbying. Estes tipos de actividades têm custos de implementação relativamente altos dado o grande volume de trabalho envolvido.

10.4 Capital disponível

Em 31 de Dezembro de 2004 o capital disponível do NiZA foi de € 694.471. Como planificado, isto representa um valor € 26.581 mais alto do que no ano passado. O NiZA escolheu usar o seu capital disponível em primeiro lugar como reserva para contrapor as contrariedades financeiras. O crescimento contínuo do NiZA está

acompanhado de riscos financeiros aumentados, requerendo um aumento igual no capital próprio disponível.

Em 2004 a organização sectorial para as organizações de caridade registadas, VFI, lançou a Directiva para as Reservas para Causas de Caridade. Esta directiva indica como as organizações de caridade devem manejar os fundos em reserva. O NiZA está afiliado à Agência Central para Angariação de Fundos, que adoptou a nova directiva. Nesta conformidade, o NiZA vai levar a cabo análise de risco para determinar o nível desejado da sua reserva permanente. Presentemente em 27 por cento, o nível corrente do capital próprio parece demasiado baixo em relação ao tamanho da organização. Com base na análise de risco a direcção do NiZA vai determinar o novo nível da reserva permanente.

Política de investimentos e riscos de capital

Em 2004, o NiZA seguiu uma política de investimento conservadora. Em meados de 2003 o NiZA adquiriu participações no *ASN Equity and Bond Funds*. Em 2004 este investimento rendeu um retorno positivo de € 63.948. O NiZA considera que os riscos de capital dos seus investimentos são limitados, porque as obrigações são vistas como um investimento seguro e o ASN Equity Fund vai participar na melhoria da bolsa de valores. Se, todavia, a bolsa de valores não se desenvolver conforme esperado, o NiZA pode vender o seu fundo de participações e convertê-los para bens líquidos.

A conta financeira para 2004 neste Relatório Anual é uma versão condensada das contas anuais completas de 2004, cuja cópia está disponível gratuitamente no NiZA (Em holandês e em inglês). (telefone+31 20 5206210 ou e-mail niza@niza.nl).

11 Anexo – Relações externas

O NiZA aloja as seguintes campanhas e alianças:

- Fatal Transactions (campanha nacional e internacional);
- SANPAD (Programa sul-africano e holandês de Pesquisa de Alternativas em Desenvolvimento);
- Zimbabwe Watch.

O NiZA também participa em:

Gestão

- British-Angola Forum (concelho consultivo);
- Corpo Consultivo de Organizações TMF (Grupo Directivo TMF e Plataforma TMF. O Grupo Directivo está envolvido em consultas com o Ministério holandês dos Negócios Estrangeiros sobre o seu novo quadro de política, “Sistema de Co-financiamento”);
- Partos (organização sectorial de organizações privadas de ajuda ao desenvolvimento);
- PSO (associação e grupos de trabalho);
- South-North Federation (descontinuado no final de 2004).

Programa de Empoderamento Económico

- Rede europeia sobre as questões da Dívida e do Desenvolvimento (Eurodad);
- Plataforma dos Grandes Lagos;
- Jubilee Netherlands (Jubileu Holanda);
- Plataforma de Responsabilidade Social Corporativa;
- OECD Watch (Observatório da OCDE);
- Campanha “Publique o que paga”.

Programa de Direitos Humanos e Construção de Paz

- Breed Mensenrechten Overleg (Consulta Alargada de Direitos Humanos, envolvendo ONGs, tomadores de decisões políticas e académicos);
- Regulier Overleg Conflictpreventie (Consulta Regular sobre Prevenção de Conflitos, envolvendo ONGs, tomadores de decisões políticas e académicos).

Programa de Media e Liberdade de Expressão

- PSO (grupo de trabalho sobre jovens);
- Southern African Media Funders’ Forum (presidente).

Outros

- Comissão de Arquivos para a Holanda e África Austral;
- Campanha Ditadura Extrema (de Zimbabwe Watch);
- Faciliteir Initiatief Amsterdam;
- Comité consultivo sobre a África Lusófona;

- NGO-EU Concord Network (confederação de ONGs para ajuda e desenvolvimento);
- Plataforma dos Objectivos do Milénio;
- Grupo preparatório para a Presidência Holandesa da EU em 2004.

12 Anexo - Publicações

Em 2004 o NiZA fez as seguintes publicações:

Publicações Periódicas

- *NiZA Annual Report 2003*: resumo das actividades do NiZA e dos resultados em 2003;
- *NiZA Informatie*: publicação trimestral, somente em holandês, para doadores e afins;
- *Zuidelijk Afrika*: revista trimestral sobre a região, somente em holandês, compilada por um corpo editorial independente e publicada pelo NiZA.

Dossiers BIDOC

- *Press freedom in Southern Africa* (dossier BIDOC 7, 2ª Edição) 104 p.; € 5;
- *Annotated bibliography on the TRC in South Africa* (dossier BIDOC 6) 121 p.; € 5.

Programa de Empoderamento Económico

- *Globalisation and Sub-Saharan Africa*. (TNI, XminY, Both Ends e NiZA, 2004) 68 p.; grátis;
- *Business in conflict areas: the need for a European policy*, Schure, Jolien ed.; (Amnesty International, IRENE, NiZA e Pax Christi, 2004) 23 p.; grátis;
- *Forget about oil. Report of the seminar "A reconstrução de Angola"*. (NiZA, 2004) 12 p.; grátis. (Também publicado em Português).

Campanha Fatal Transactions

- *Fatal Transactions Nieuwsbrief*: boletim electrónico bimensal;
- *The Kimberley Process Certification Scheme one year ahead. State of affairs in the EU* (Fatal Transactions, NiZA e SOMO, 2004) 10 p.; grátis;
- *Dutch jewellers questioned: how clean are your diamonds?* (Fatal Transactions, 2004), 18 p.; grátis (também publicado em holandês);
- *The EU and the Kimberley Process: is the Kimberley Process an example for Corporate Social Responsibility?* Hund, Kirsten; (NiZA e Fatal Transactions, 2004) 4 p.; grátis.

Programa de Direitos Humanos e Construção de Paz

- *Boletim por e-mail para parceiros no Programa de Direitos Humanos* (trimestral);
- *Verkiezingen in Malawi. Over kiezersvoorlichting, waarnemers en 'verdwenen' stembiljetten*, Bassie, Wiep (NiZA, 2004) 31 p.; €2,50;
- *Western Cape Anti-Crime Forum. 10 years of anti-crime* (WCACF, 2004) 10 p.; *
- *One man, one vote*. Breve documentário sobre as eleições (Scheef Idee, 2004);
- *Linking for Access to Justice: the role of paralegals in Southern Africa*. Breve documentário (Seipone productions, 2004).

Programa de Media e Liberdade de Expressão

- *MediaNews*: Boletim digital trimestral;
- *ICTs for Democracy. Media and post-war reconstruction of Angola*, Armstrong, Chris (NiZA, 2004) 63 p.; € 9;
- *Techno-hype or Info-hope? Southern African civil society tackles the World Summit on the Information Society*, Armstrong, Chris (NiZA, 2004) 89 p.; € 5;
- *No Fruits without Roots - community views on local governance* (ACPD, 2004); *
- *Follow the river and you will reach the sea - community views on 'communication'* (ACPD, 2004); *
- *Regenerating; Towards a new strategy of community education and communication* (ACPD e CIVNET, 2004); *
- *Púnguê*: jornal sobre Beira e arredores pela ASSERCO e AJIS; *
- *Seeing/being seen: a travelogue in journalism*, van den Akker, Peter and Gwen Ansell (ed.) (NiZA e IAJ, 2004) 50 p., grátis.

MoçambiQactual

- *Mozambique: democratie, verkiezingen en maatschappelijk middenveld*, Doeleman, Elma (NiZA, 2004);
- *Angola and Mozambique: Democracy, Elections and Civil Society. Report of Expert Meeting, 30 September 2004*. Doeleman, Elma (NiZA, 2004).

Zimbabwe Watch

- *I write as I please*, coluna semanal por Wilf Mbanga no site www.niza.nl;
- *John Arnold Bredenkamp*, (Zimbabwe Watch, NiZA e Pax Christi, 2004) 50 p.; grátis.

Outras publicações

- *Zuid-Afrika: een scriptiepakket voor leerlingen vanaf 10 jaar* (NiZA e CMO, 2004; 6ª edição) 26p.; € 4,50;
- *NiZA response to memorandum on "Strong people, weak states,"* Sargentini, Judith (NiZA, 2004) 6p.; grátis.

* Publicações tornadas possíveis com o apoio do NiZA.

13 Anexo - Pessoal

Conselho

Coen Stork, Presidente
Niels Feis, Tesoureiro
Frank Baas
Carolien van Dullemen
Willem van Manen (até 30 de Agosto)
Ans Zwerver

Pessoal Executivo

Peter Hermes, Director executivo
Bob van der Winden, Director de programas
Meike de Goede, Assistente de gestão
Anna Maria du Toit, Assistente de gestão (até 31 de Dezembro)
Joseph Junior Seh, Assistente de gestão (até 19 de Novembro)

Programa de Empoderamento Económico

Han Kooistra, Gestor (até 30 de Junho)
Gerno Kwaks, Gestor
Reina Cadzand, Estagiária *Fatal Transactions*
Sihle Dube, Oficial de programas
Kirsten Hund, Oficial de programas
Carolyn Patandin, Assistente de programas
Jolien Schure, Oficial de programas
Elizabeth Wiebrens, Oficial de programas
Bas Zwiers, Oficial de programas

Programa de Direitos Humanos e Construção de Paz

Maaïke Blom, Gestora
Karin van den Belt, Oficial de programas
Esther Droppers, Oficial de programas (substituta)
Anneke Galama, Oficial de programas
Michelle de Jongh, Assistente de programas
Mariël van Kempen, Oficial de programas
Heleen Pulles, Estagiária

Programa de Media e Liberdade de Expressão

Kim Brice, Gestora
Christa Bouwhuis, Assistente de programas
Daphne Hafkamp, Estagiária (até 31 de Dezembro)
Fenneke Hulshoff Pol, Oficial de programas
Christian Kuijstermans, Oficial de programas
Astrid Schipper, Oficial de programas
Ruth de Vries, Oficial de programas

Comunicações

Elke van den Hout, Gestora
Angeli Poulssen, Gestora (substituta)
Nathalie Ankersmit, Oficial de comunicação
Berendien Bos, Editora
Anton Coops, Coordenador do website
Margreet Feenstra, Oficial de comunicação (até 6 de Outubro)
Herlinde Gerrits, Oficial de comunicação *Fatal Transactions/Zimbabwe Watch*
Sanna Jansen, Oficial de comunicação
Antje Kakerissa, Trabalhadora administrativa recolha de fundos (substituta)
Gerda Kievit, Oficial de imprensa (substituta, até 31 de Dezembro)
Bart Luirink, Editor chefe da revista *Zuidelijk Afrika*
Angèle Mann, Angariador de fundos
Karolien Nwosu-Dorgeloos, Pessoal Administrativo angariação de fundos
Udo Sprang, Editor da revista *Zuidelijk Afrika*
Hille Takken, Oficial de imprensa

BIDOC

Sietse Bosgra, Documentalista (voluntário)
Anton Dekker, Documentalista
Gertjan Doeleman, Documentalista
Carlien Hillebrink, Voluntária
Peter Hoff, Voluntário
Kier Schuringa, Documentalista

Política e Lobby

Christine Brackmann, Conselheiro de políticas
Joke Hartmans, Conselheiro de políticas
Angeli Poulssen, Conselheiro de políticas (substituta)
Judith Sargentini, Lobbyista *Fatal Transactions/NiZA*

Finanças

Michaël Schwerzel, Controlador
Ineke Steetskamp, Contabilista
Mayra Vreden, Trabalhadora administrativa

Pessoal

Hanneke Timmer, Oficial de pessoal

Secretariado

Gerbina van den Hurk, Coordenadora do secretariado
Yvonne Bais, Secretária (voluntária)
Danny van Heezik, Secretária
Adrie Leurink, Administrador Annemiek Mion, Secretária
Christine Out, Recepcionista

Angola project group

Margriet Glazenborg, Voluntária

MoçambiQactual

Elma Doeleman, Coordenadora

SANPAD

Nelke van der Lans, Coordenadora

Colette Gerards, Assistente de programas

Zimbabwe Watch

Wiep Bassie, Coordenador

14 Anexo - Abreviaturas

AABN	Anti-Apartheidsbeweging Nederland (Movimento Antiapartheid holandês)
ACP	países de África, das Caraíbas e do Pacífico (antigas colónias)
ANC	Congresso Nacional Africano, África do Sul
BIDOC	Bibliotheek, Informatie- en Documentatiecentrum (Biblioteca, Centro de Informação e Documentação)
CHRR	Center for Human Rights and Rehabilitation, Malawi
COSATU	Congresso dos Sindicatos da África do Sul
EISA	Instituto Eleitoral da África Austral
Eurodad	Rede Europeia sobre as questões da Dívida e do Desenvolvimento
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
KZA	Komitee Zuidelijk Afrika (Comité para a África Austral)
MISA	Instituto de Media da África Austral
NCDO	Nederlandse Commissie voor Internationale Samenwerking en Duurzame Ontwikkeling (Comissão Nacional para a Cooperação Internacional e o Desenvolvimento Sustentável)
NePAD	Nova Parceria Para o Desenvolvimento da África
NGO	Organização Não-Governamental
NiZA	Instituto holandês para a África Austral
OCDE	Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico
OSISA	Open Society Initiative for Southern Africa
PEPSA	Precondições Para Programas Eleitorais na África Austral
PPP	Paz, Princípios e Participação
PSO	Association Personnel Services Overseas
PVT	Personeelsvertegenwoordiging (Representação do pessoal do NiZA)
RDC	República Democrática do Congo
RENAMO	Resistência Nacional Moçambicana
LER	Lesões por Esforços Repetitivos
SADC	Comunidade de Desenvolvimento da África Austral
SANPAD	Programa sul-africano e holandês de Pesquisa de Alternativas em Desenvolvimento
TMF	Thematische Medefinanciering (Co-Financiamento Temático)

15 Anexo – Ficha técnica

Instituto holandês para a África Austral

Prins Hendrikkade 33
P.O. Box 10707
NL – 1001 ES Amsterdam
Telefone: +31 20 520 62 10
Fax: +31 20 520 62 49
E-mail: niza@niza.nl
www.niza.nl

Doações e Assinaturas: Postbank Account No. 26655
Outros Pagamentos: Postbank Account No. 600657

Editado e produzido por Berendien Bos
Traduzido para o português por Guido de Jesus Siolengue
Revisto por Jan Willem Bennema
Publicado pelo © Netherlands institute for Southern Africa, 2005